

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CURITIBA
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

ANDRESSA SORAYA PAGANELLA MARCONDES

A FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO REAL NAS REDES
SOCIAIS DIGITAIS

CURITIBA

2011

ANDRESSA SORAYA PAGANELLA MARCONDES

A FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO REAL NAS REDES
SOCIAIS DIGITAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Trabalho de
Diplomação, como requisito parcial
para obtenção do grau de Tecnólogo
em Design Gráfico, do Curso Superior
de Tecnologia em Design Gráfico da
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná.

Orientador: Prof^a. Simone Landal

CURITIBA

2011

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO Nº 458

**A FOTOGRAFIA COMO CONSTRUÇÃO DO REAL
NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS**

por

Andressa Soraya Paganella MArcondes

Trabalho de Diplomação apresentado no dia 7 de novembro de 2011 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A aluna foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora: Prof(a). Esp. Bruno Oliveira Alves
DADIN - UTFPR

Prof(a). Dr^a. Luciana Martha Silveira
DADIN - UTFPR

Prof(a). Msc. Simone Landal
Orientador(a)
DADIN – UTFPR

Prof(a). Msc. Daniela Fernanda Ferreira da Silva
Professor Responsável pela Disciplina de TD
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

RESUMO

MARCONDES, Andressa Soraya Paganella. A fotografia como construção do real nas redes sociais digitais. 2011. Trabalho de conclusão de curso. (Tecnologia em Design Gráfico). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011

Este trabalho apresenta questões relacionadas à fotografia, ligadas a sua história, a noção de registro do real que já esteve em torno da mesma, e aos significados e sentidos que são atribuídos a ela pelas pessoas. Apresenta as novas tecnologias ligadas ao ato fotográfico, como os novos formatos, meios de veiculação e de armazenamento. Questiona as novas funções que podem ser atribuídas à fotografia nos meios digitais atuais, por intermédio da Internet nos *sites* de redes sociais *Facebook* e *Orkut*. Discute como as fotografias podem ser, de certa forma, consideradas construção de realidade, levando em conta, a atuação dos seres humanos para conceber as mesmas e também, as novas tecnologias digitais. Questiona como a noção de índice se configura atualmente e pode estar relacionada à construção de perfis e identidades no ciberespaço. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo foi pesquisa bibliográfica e observação-participante dos *sites* de relacionamentos analisados.

Palavras chaves: Fotografia. Construções de Realidade. Representações de identidade. Redes sociais. Cibercultura.

ABSTRACT

MARCONDES, Andressa Soraya Paganella. Photography as construction of reality in the digital social networks. 2011. Trabalho de conclusão de curso. (Tecnologia em Design Gráfico). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2011

This work introduces issues related to photography, regarding to its history, to the idea of documenting the reality, and to the meanings assigned to it by individuals. This work also presents new technologies in use for the photographic act, its new features, means of transmission and storage. It discusses these new features, which can be assigned to photography within the current digital means, through Internet on social networking sites like Facebook and Orkut. It discusses how photographs can be, in certain way, considered construction of the reality, taking into account the actions of human beings to conceive them and also, the new digital technologies. It discusses how the notion of index is currently configured and how can it be related to the construction of identity and profiles in the cyberspace. The methodology used in this work consists of literature research and participant observation of the analyzed social networking sites.

Keywords: Photography. Construction of Reality. Representations of identity. Social networks. Cyberculture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - <i>Boulevard du Temple</i>	11
FIGURA 2 - Foto no formato cartão de visita: A Família Lavallée	15
FIGURA 3 - Foto no formato cartão de visita	16
FIGURA 4 - Propaganda em uma revista de 1900 da popular câmera <i>Brownie</i>	18
FIGURA 5 - Modelo original da <i>Brownie</i>	19
FIGURA 6 - Leica A. Câmera portátil 35mm para fotógrafos profissionais	19
FIGURA 7 - Instamatic. Câmera popular da Kodak lançada nos anos 70	24
FIGURA 8 - Perfil do Orkut	40
FIGURA 9 - Comunidade do Orkut	41
FIGURA 10 - Página inicial do Orkut	42
FIGURA 11 - Perfil do Facebook	44
FIGURA 12 - Página inicial do Facebook	45
FIGURA 13 - Aplicativo de fotos do Facebook	49
FIGURA 14 - Aplicativo de fotos do Orkut	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A INVENÇÃO DA FOTOGRAFIA	11
2.1	FOTOGRAFIA E SIGNIFICADOS	20
2.2.	A FOTOGRAFIA DIFUNDIDA	24
3	AS NOVAS TECNOLOGIAS	27
3.1	AS NOVAS TECNOLOGIAS FOTOGRÁFICAS	27
3.1	OS NOVOS MEIOS DE MANIPULAÇÃO	30
4	A INTERNET E A FOTOGRAFIA	33
4.1	BREVE HISTÓRICO DA INTERNET	33
4.2	OS <i>SITES</i> DE REDES SOCIAIS NA INTERNET	34
4.2.1	O Orkut	38
4.2.2	O Facebook	43
4.3	AS REDES SOCIAIS NA INTERNET E A FOTOGRAFIA	46
5	AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE NOS SITES DE REDES SOCIAIS POR MEIO DAS FOTOGRAFIAS	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A fotografia está presente em quase todos os meios de comunicação atuais. Diariamente, a sociedade publica e consome milhares de imagens. Ela possui os mais diversos fins, sejam ilustrativos, informativos, pessoais ou publicitários. A mesma já foi considerada registro do real, como foi alvo de inúmeras discussões sobre a sua natureza indiciária. Também sofreu alterações em técnicas e formas desde o surgimento.

A tecnologia das câmeras digitais causou inúmeras mudanças no ato de fotografar. Com ela, é possível fazer um número muito maior de fotos com um custo muito menor, em relação à fotografia analógica. A manipulação também se torna muito mais acessível devido aos programas digitais. Publicar e compartilhar fotografias foi outra prática bastante facilitada devido a difusão do acesso à Internet. Estas facilidades acabaram por alterar profundamente antigos métodos como conceitos ligados à fotografia.

Um novo meio onde acontece uma circulação considerável tanto de imagens como de fotos são os *sites* de redes sociais. Grande parte dos internautas possui uma página pessoal nestes *sites* e publica fotos constantemente. Com todas estas novidades tecnológicas, a fotografia ganhou além de funções, possibilidades totalmente novas.

Este trabalho pretende abordar estas transformações sofridas pela fotografia com o advento das novas tecnologias, como as câmeras digitais e a Internet, e questionar como o método foi alterado, no entanto, conceitos e idéias em torno da mesma também. Pretende ainda, refletir sobre o que podem causar as novas formas de manipulação de imagens e como as noções de índice e de registro se configuram nos dias atuais. Outro ponto é ponderar se há antigos conceitos que podem ser preservados ou alterados, bem como se novos podem ser construídos, frente a utilização da mesma nas redes sociais na Internet, onde ilustram a vida dos usuários em perfis digitais.

Todas estas mudanças de meio, formato e plataformas, como de métodos e conceitos, vem configurar novas possibilidades, como gerar consequências no modo de fazer, utilizar, ver e consumir fotografias. Serão levantadas questões relativas a

estas mudanças, tendo em vista o novo ambiente das redes sociais na Internet, e questionar quais seriam algumas destas conseqüências na sociedade.

Para o desenvolvimento do trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas e consultas a artigos que viessem ajudar a esclarecer os temas escolhidos para a pesquisa. Foi feita também, a observação participante dos *sites* de relacionamentos Orkut e Facebook, o que ajudou consideravelmente nestas reflexões, já que estar participando e interagindo nas redes sociais da Internet, favorece uma melhor compreensão do espaço descrito nos artigos e livros, e de como os usuários utilizam as ferramentas das mesmas e atuam neste ambiente. Também foram realizadas consultas a *sites* de estatísticas, como o Ibope Nielsen, que apresenta dados sobre os números de usuários da Internet e dos dois *sites* aqui estudados.

O primeiro capítulo deste trabalho, fala sobre a invenção da fotografia, sobre como os fatores culturais e econômicos favoreceram o crescimento e disseminação da mesma na Europa e na América do Norte. Autores como Boris Kossoy e André Rouillé são usados como referência para este tópico, por abordarem a fotografia por uma perspectiva histórica e cultural. Esta primeira parte também apresenta as discussões que estiveram em torno da questão das fotos como registro fiel do real e mimese. Para esta discussão, são apresentadas idéias levantadas por Philippe Dubois como por Walter Benjamin, que também analisa as mudanças que a fotografia causou no ramo da arte. Há ainda que se chegar na noção de fotografia como índice, considerando as palavras de Roland Barthes, para explicar o caráter de ligação física que a fotografia possui com seu referente.

Ainda neste primeiro capítulo, temos questões relacionadas a difusão da fotografia para as massas, começando pelos cartões de visita de Disdéri até a invenção das câmeras compactas. Junto com a discussão, temos neste tópico as palavras de Susan Sontag, falando de como a fotografia se instaurou no que ela chama de “sociedade da imagem” e os vários significados que são atribuídos a ela pelas pessoas.

Vemos ainda, questões ligadas ao processo de criação fotográfico, de como a fotografia é manipulada desde o momento da captura da imagem até finalmente ser impressa e veiculada de alguma maneira.

No segundo capítulo, são apresentadas as novas tecnologias inauguradas com a fotografia digital, como câmeras digitais, plataformas para armazenamento e

novas formas de veiculação de imagens, como a Internet. Também é abordada a questão dos programas digitais de manipulação de imagens, e como apesar da manipulação sempre ter existido, mesmo nos antigos laboratórios, estes programas a facilitam e a difundem imensamente. Para ajudar a embasar tais questões, são utilizados textos de Arlindo Machado e Boris Kossoy, entrando ainda na questão de como estas novas situações apresentadas pela fotografia digital podem ajudar a firmar a idéia de fotografia como construção e não mais de registro fiel.

O terceiro capítulo, fala da Internet e a fotografia. Primeiramente, é feito um breve histórico da Internet para uma melhor contextualização do assunto. Depois, são apresentados os *Sites* de Redes Sociais e sua rápida evolução, que consistem em assunto a ser estudado neste trabalho. São apresentadas estatísticas que demonstram como estes *sites* estão sendo amplamente usados no Brasil e em outros lugares do mundo. É feita a conceituação e descrição dos dois *sites* que são aqui estudados, o Orkut e o Facebook, tendo como suporte os textos de Raquel Recuero, Lucia Santaella e Renata Lemos, e de David Kirkpatrick.

Na conceituação dos *sites*, é descrito como a fotografia é amplamente compartilhada e utilizada em ambos, e como sua presença parece ser praticamente indispensável nas construções de páginas pessoais e nas interações entre os internautas.

Neste tópico, podemos ver ainda o comportamento dos brasileiros frente a estes dois serviços, como primeiramente tomaram o Orkut em uma competição com americanos, e posteriormente, um grande número de usuários migrou para o Facebook. Recuero fala de como o Orkut foi um fator de grande importância na popularização da Internet no Brasil. Kirkpatrick fala sobre o americano Facebook, e para este tópico, são utilizadas informações de como o aplicativo de fotos foi fundamental para o desenvolvimento do *site*. Santaella e Lemos, ajudam a conceituar as modalidades de redes sociais na Internet.

Em um quarto capítulo, podemos finalmente ver, como os perfis pessoais são ilustrados com fotografias, e discutir como construções de identidades são feitas através das mesmas, que podem ser manipuladas ou não. Há ainda, as questões de como a mobilidade e a Internet sem fio, fazem os *sites* de redes sociais ficarem cada vez por mais tempo presentes nas vidas de seus usuários. Nesta discussão, são usados escritos de Santaella e Lemos, como de Kirkpatrick, que vêm a acrescentar

aos questionamentos se toda esta exposição pessoal, como a necessidade de o tempo todo estar postando e olhando fotografias nestes *sites*, é saudável.

Ainda são levantadas questões de como estes novos comportamentos podem revelar antigos costumes ligados às fotos, como construir álbuns para registrar momentos e mostrar como prova de que os mesmos aconteceram aos amigos, costume este que parece ter sido perpetuado como alterado pelas novas plataformas. Finalmente, podemos nos perguntar se a fotografia, apesar de todas as mudanças de formato, ainda é ligada à representação de algo e ajuda a construir identidades no ciberespaço.

2 A INVENÇÃO DA FOTOGRAFIA

A fotografia é uma invenção moderna. Em Janeiro de 1839 na França, Louis Daguerre divulga o processo do Daguerreótipo, em que iodeto de prata era sensibilizado pela luz em uma placa de prata, onde se gravavam imagens positivas. Apenas 24 dias depois, na Inglaterra, Fox Talbot lançou o Calótipo, processo em que o iodeto de prata sensibilizado com a luz era fixado no papel resultando em um negativo, depois o positivo era conseguido por contato com papel sensibilizado. (DENIS, 2000, p.52)



Figura 1: *Boulevard du Temple*. Fotografia obtida pelo Daguerreótipo em 1838

Fonte: Blog de Nicholas Jenkins¹

A disseminação destas descobertas de processos fotográficos, ocorreu no contexto de desenvolvimento da Revolução Industrial. A situação cultural da

¹ Disponível em: <http://www.stanford.edu/~njenkins/archives/2007/08/at_the_corner.html>

sociedade europeia, os meios tecnológicos e a economia foram fatores imprescindíveis para o desenvolvimento e estabelecimento da fotografia. Como Kossoy (2001) exemplifica:

Com a Revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística.

Andre Rouille (2009) também descreve longamente como o ambiente social foi favorável à disseminação da fotografia na Europa. A burguesia se viu encantada pela nova possibilidade de se retratar de forma elegante. Logo, a fotografia se tornaria um processo difundido, as classes menos favorecidas, mesmo que em menor proporção, também iriam poder registrar seus momentos para guardar como memória.

É possível ver como os fatores culturais e políticos foram importantes para o desenvolvimento da fotografia se considerarmos, por exemplo, o fato de Hercules Florence ter feito experiências com processos fotográficos e os colocados em prática, no Brasil, em 1833. (KOSSOY, 2001, p.142) No entanto, as suas experiências não evoluíram mais significativamente, e nem mesmo foram difundidas, em função de não haver na sociedade brasileira daquela época, um ambiente cultural, tecnológico e econômico como o europeu. Estes fatores prejudicaram fortemente o conhecimento público, como os avanços de Florence com suas experiências.

Porém, na sociedade europeia, o processo fotográfico foi evoluindo, e vários pesquisadores estudavam e faziam experiências com respeito a maneiras mais eficientes de gravar imagens em material fotossensível. A nova invenção reproduzia os momentos fielmente, de uma maneira mecânica, e ao que parecia, com a mínima interferência humana. Todas essas ideias geraram uma certa credibilidade para a fotografia como um registro fiel do real. Isto gerou muitas correntes de discussões em volta deste assunto. Dubois (1993) fala das diversas posições defendidas por teóricos ao longo da história sobre a questão da fotografia com a ligação de registro fiel do real.

O processo fotográfico em si tem grande ligação com a geração desta ideia. Por ser um processo mecânico, onde processos químicos e físicos vêm a gravar a imagem capturada, a impressão que se tem é que a interferência humana quase não existe. “O ponto de partida é portanto a natureza técnica do processo fotográfico, o princípio elementar da *impressão luminosa* regida pelas leis da física e da química.” (DUBOIS, 1993, p. 50, grifo do autor)

Entra então, o ponto da fotografia na categoria de índice², Dubois e Barthes (1984) discutem bastante esta ideia. Barthes discute a ligação e o relacionamento do espectador com o representante e a “coisa real”. Ou seja, apesar de todas as decisões do fotógrafo, quando se olha para uma fotografia, se sabe que ela registrou mecanicamente alguma coisa que realmente existiu e esteve diante da câmera.

No livro *O Ato Fotográfico*, Dubois fala de três correntes que já estiveram em torno da ideia da fotografia como registro do real: “1) *a fotografia como espelho do real* (o discurso da mimese) 2) *a fotografia como transformação do real* (o discurso do código e da desconstrução) 3) *a fotografia como traço de um real* (o discurso do índice e da referência)” (DUBOIS, 1993, p.27, grifo do autor). As três correntes acontecem quase que em épocas subseqüentes, com pensadores debatendo longamente essas ideias.

Outro assunto bastante debatido, foi o da fotografia como arte. No principio da difusão da fotografia, existiu uma certa aversão a ela por parte de alguns pensadores que a consideravam mera cópia. Walter Benjamin, em um texto clássico “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, de 1936, nos fala bastante deste ponto, e também, sobre o que a reprodutibilidade técnica da fotografia acarretou para a sociedade. Nos fala de como essa reprodutibilidade, retirou a “aura” que antes existia em torno das obras de arte, proveniente do poder de culto que existia em torno das mesmas, pois anteriormente, estas eram únicas e pertenciam somente às pessoas e instituições com um elevado poder social. “Pode resumir-se essa falta no conceito de aura e dizer: o que murcha na era da reprodutibilidade da obra de arte é a sua aura.” (BENJAMIN, 1992, p. 79)

Benjamin nos mostra que, com a reprodutibilidade da fotografia, foi possível um maior alcance da obra de arte na sociedade, um número muito maior de pessoas pôde ter acesso ao que antes estaria fadado a permanecer em posse de apenas

² “representação por contigüidade física do signo com seu referente” (DUBOIS, 1993, p. 45).

uma parcela elitizada. Ou seja, existe uma democratização, considerando-se que a fotografia acaba retirando o privilégio de alguns segmentos sociais de deter obras únicas e cultuadas.

Como já dito, o processo fotográfico foi evoluindo com grande entusiasmo por parte dos pesquisadores. O contexto de grande empolgação com as tecnologias inovadoras da Revolução Industrial, ajudou a impulsionar estudos e novas descobertas. Como Kossoy diz “A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica.”(KOSSOY, 2001, p. 25)

Logo, fotografias viriam ilustrar as revistas e jornais no final do século XIX, mas a sociedade já estava familiarizada com uma quantidade considerável de imagens antes disso. Kossoy nos fala de quando teve início a circulação em massa de imagens na sociedade ocidental:

A chamada “civilização da imagem” começa a se delinear de fato no momento em que a litografia, ao reproduzir em série as obras produzidas pelos artistas do princípio do Oitocentos inaugura o fenômeno do consumo da imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental, incluindo-se neste último caso, por exemplo, a obra de artistas viajantes como Debret, Rugendas entre tantos outros. (Kossoy, 2001, p. 134, grifo do autor)

Kossoy afirma que poucas décadas depois da invenção da fotografia, o conhecimento do mundo através de imagens se torna moda. A *carte-de-visite* chega para firmar mais esta noção de um mundo representado por imagens, um mundo simulacro. O formato cartão-de-visita foi introduzido pelo fotógrafo Disdéri em 1854, em Paris.

A novidade consistia em uma câmera fotográfica, inventada por ele, munida com quatro objetivas, que produziam uma série de oito fotografias que, posteriormente, eram recortadas e montadas sobre um cartão. (ZAMBON; LOPES, 2007, p. 32)

Disdéri cobrava 5 francos pelos retratos que fazia. Esta quantia era muito menor se comparada ao preço que os outros fotógrafos cobravam para clientes de classe social elevada. Disdéri deu a possibilidade para pessoas de classes sociais mais baixas também se retratarem. Isto acabou dando um caráter mais popular à fotografia, já que além de muitas pessoas poderem se retratar, cartões de famosos

também eram vendidos por preços populares. Este formato de retrato foi utilizado por muitos anos. (ZAMBON; LOPES, 2007)

Outra inovação que Disdéri introduziu, que vemos comentada no artigo de Zambon e Lopes (2007), foi o uso de acessórios e cenários nos retratos fotográficos. Ele tirava fotos dos clientes de corpo inteiro e mostrando as pessoas em trajés bem cuidados, com cabelos arrumados e com maquiagem, usando objetos que dialogassem com o papel a ser produzido. Ele também retocava as fotografias esteticamente. Assim, nos retratos, personagens eram construídos e idealizados, da forma como cada um gostaria de ser visto. Dessa maneira, era construída uma “máscara social”, que era mutável e nascia da encenação, da vontade dos retratados de criar uma identidade, e da cumplicidade entre eles e os fotógrafos que construíam os cenários e fotografias de acordo a satisfazer a vontade de seus clientes.



Figura 2: Foto no formato cartão de visita: A Família Lavallée

Fonte: Vangobot³

³ Disponível em: <http://popartmachine.com/item/pop_art/BMFA-BMFA.SC2325/ANDRE-ADOLPH&EACUTE;-EUGÈNE-DISDÉRI-THE-LAVALLÉE-FAMIL>



Figura 3: Foto no formato cartão de visita

Fonte: Flickr de Photo_History⁴

As inovações tecnológicas no ramo da fotografia na década de 1850, nas sociedades europeia e norte-americana, e o surgimento da *carte-de-visite*, vieram baratear o custo para os fotógrafos e tornar assim, a confecção de retratos mais acessível para os clientes em vários lugares do mundo. (KOSSOY, 2001 p.108) Podemos ver assim, como se democratizou a imagem do homem através da fotografia, pois tinha-se o sentimento de que nas fotos todos os homens das diferentes classes eram iguais, todos retratados com a mesma tecnologia.

Além desse desejo de igualdade, o retrato fotográfico tornava-se uma *necessidade* do ponto de vista psicológico, pois o homem em todas as latitudes nele percebera uma *possibilidade de perpetuação de sua própria imagem*. Por que não “congelar” sua imagem de forma nobre? Por que não representar através da aparência exterior - que é, na realidade, a matéria-prima para o registro fotográfico - o personagem que ele nunca havia sido e jamais seria? Não seria esta uma fantástica possibilidade de auto-ilusão para sua apreciação posterior? Não seria esta uma saída digna para a imortalidade, isto é, quando seu retrato fosse apreciado no futuro pelos descendentes e desconhecidos? (KOSSOY, 2001, p. 109, grifo do autor)

⁴ Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/20939975@N04/2585761428/>>

O homem poderia então, deixar um registro de si para a posteridade. Os retratos muito bem construídos deveriam deixar uma imagem nobre e elegante. Além de retratos, fotos de momentos importantes também poderiam ser feitas para constituírem a memória da sociedade ocidental. Descobertas científicas, invenções tecnológicas, conquistas, cerimônias políticas, grandes eventos, tudo deveria ser registrado. Além de se registrar, com a nova invenção, poderia se conhecer o mundo sem sair de casa. Povos e lugares distantes passariam a ser “catalogados” por meio de fotografias.

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. (KOSSOY, 2001, p.26)

A fotografia, conforme já citado, possuía uma grande credibilidade enquanto registro fiel. Frente a ideias de lugares e coisas desconhecidas que antes eram relatadas pela fala, por pinturas e desenhos, a fotografia se tornou quase um instrumento da verdade. Povos, animais e terras distantes agora eram mostrados por fotografias fiéis, não mais por histórias e desenhos provenientes da interpretação de outras pessoas. Assim, havia a sensação de se poder ter um conhecimento mais real e científico, menos fantasioso do mundo.

Um dos responsáveis pela difusão da fotografia a um maior número de pessoas foi George Eastman com as primeiras câmeras Kodak, em 1888. Estas câmeras eram pequenas, leves e podiam ser carregadas com rolos de papel para 100 exposições. As câmeras custavam apenas 25 dólares, e a empresa de Eastman revelava as fotos e inseria um novo rolo por apenas 10 dólares.⁵ Eastman continuou trabalhando de maneira a tornar a fotografia ainda mais simples e barata. Logo lançou rolos de película transparente que podiam ser comprados em qualquer lugar e colocados por amadores nas máquinas, mesmo sob a luz do dia. Sua empresa lançou em 1900 as câmeras populares *Brownie*, que custavam apenas 1 dólar. Os constantes avanços nas técnicas e o lançamento destas câmeras simples, trouxe à

⁵ KODAK, disponível em:

<http://www.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/historia_fotografia/historia_da_fotografia13.shtml?primeiro=1>

fotografia um caráter ainda mais industrial, proporcionando além do mais, a abertura de vários laboratórios fotográficos.⁶

THE COSMOPOLITAN.

Any school-boy or girl can make good pictures with one of the Eastman Kodak Co.'s Brownie Cameras

\$1.00



\$1.00

Brownies load in daylight with film cartridges for 6 exposures, have fine meniscus lenses, the Eastman Rotary Shutters for snap shots or time exposures and make pictures 2¼ x 2¼ inches.

Brownie Camera, for 2¼ x 2¼ pictures,	\$1.00
Transparent-Film Cartridge, 6 exposures, 2¼ x 2¼,15
Paper-Film Cartridge, 6 exposures, 2¼ x 2¼,10
Brownie Developing and Printing Outfit,75
Brownie Removable Finder,25

Take a Brownie Home for Christmas.

Brownie circulars and Kodak catalogues free at the dealers or by mail.

EASTMAN KODAK CO.
Rochester, New York.

21 (1900)

Figura 4: Propaganda em uma revista de 1900 da popular câmera *Brownie*.

Fonte: Kodak⁷

⁶ Ibidem

⁷ Disponível em:

<http://www.kodak.pt/ek/PT/pt/Our_Company/History_of_Kodak/Consolidando_a_Base.htm>



Figura 5: Modelo original da *Brownie*, de 1900

Fonte: The GEH Brownie Collection⁸



Figura 6: Leica A. Câmera portátil 35mm para fotógrafos profissionais, lançada em 1925

Fonte: Camerapedia⁹

⁸ Disponível em: <<http://www.geh.org/fm/brownie/htmlsrc/index.html>>

⁹ Disponível em: http://camerapedia.wikia.com/wiki/Leica_A

O processo fotográfico sofreu alterações e evoluiu imensamente desde as primeiras câmeras populares e das compactas. Em todos os anos que se passaram, porém, a fotografia se viu cada vez mais presente em uma sociedade ávida pelo fazer como pelo consumo de imagens.

2.1 FOTOGRAFIA E SIGNIFICADOS

Numa sociedade como a ocidental, que se baseia em grande parte por imagens, a fotografia assume um papel importante. Ela possui muitos significados e papéis, como comemorar as conquistas de amigos e membros da família, que é um antigo uso popular da fotografia, como Sontag comenta (1977, p.18)

Podemos perceber que à fotografia é atribuído o valor de memória, pois será o “documento” que preservará as imagens referentes tanto a conquistas como a momentos do cotidiano, que acabam ganhando grande importância frente aos familiares. O valor pode ser também pessoal, já que os únicos registros que alguém pode ter de alguma coisa podem ser fotografias.

Lembremos as observações de Barthes (1984) em seu livro *A Câmera Clara*. Barthes fala de como determinada fotografia pode ter um forte significado para alguém. Introduzindo os termos *punctum* e *studium*, define conceitos sobre o que deveria atingir o espectador em cada fotografia. Porém, Barthes fala como cada espectador pode ter uma reação diversa frente a mesma fotografia, pois a ligação com o referente que está presente na foto (a coisa real), o entendimento e o arsenal cultural sobre o que nela está representado, afeta em muito esta reação. A foto que ele usa para exemplificar grande parte de sua teoria é a de sua mãe quando criança em um jardim de inverno. Ele acaba por não mostrar a foto tão debatida no livro, pelo motivo de que ela nunca teria o mesmo significado para nós, leitores, que não tivemos nenhuma ligação com a mãe dele.

A fotografia é uma imagem de um único instante congelado do real. “Sem antes, nem depois; é este um dos aspectos mais fascinantes em termos do instante contínuo recortado da vida que se confunde com o nascimento do descontínuo do documento.” (KOSSOY, 1988, p. 44). Documento, registro, memória. Todos estes

sentidos estão dentro do fazer fotográfico. Capturar uma imagem, congelá-la para o depois, preservá-la para a posteridade.

Devemos ainda, lembrar do valor histórico que uma fotografia pode ter. Como já comentado, houve tempo em que a fotografia carregou um forte significado de documento e prova de que algo realmente aconteceu. Fotos de fatos históricos, guerras, lugares distantes, podem convencer o público de que tais coisas realmente aconteceram, mesmo que este nunca tenha estado no lugar do ocorrido, muito menos conhecido alguma coisa ligada ao fato ou ao povo registrado na imagem. Este poder de catalogar o mundo, como já dito anteriormente, tornou-o um lugar pequeno, ao mesmo tempo que desvendou muitos de seus mistérios.

Com seu surgimento no início do século XX, as revistas ilustradas inauguram uma mentalidade visual, um pensamento visual (fotográfico), que condicionou o homem a compreender a realidade através de imagens; por outro lado, viciaram o leitor no consumo de imagens fotográficas de qualquer natureza e ele, sem sair de casa, confortavelmente sentado em sua poltrona, viu-se informado sobre o mundo através de imagens muito bem impressas; assim, pois, foi nas páginas das revistas que o mundo passou a ser visto: um mundo ilustrado, verdadeiro, comprovadamente verdadeiro – na aparência -, posto que registrado pela fotografia. (KOSSOY, 2007, p. 161)

Devemos nos perguntar, porém, até onde a fotografia pode ser considerada um documento e prova do real, por enquanto sem levar em conta as possíveis manipulações, mas pensando que a fotografia, a captura, depende de uma série de escolhas e decisões por parte do fotógrafo, sobre o que fotografar e como fotografar. Estas escolhas envolvem o tipo do aparelho, a lente, o assunto que será fotografado, o ângulo de visão, o recorte da imagem, o tempo de exposição e a abertura da objetiva. Depois serão tomadas mais decisões na hora da revelação do negativo (no caso de fotografias analógicas), da ampliação da imagem, no tratamento das fotos, seja no laboratório ou em *softwares*, e ainda de como esta foto será difundida. “Fotografar significa, antes de qualquer outra coisa, construir um enunciado a partir dos meios oferecidos pelo sistema expressivo invocado, isso não tem nada que ver com reprodução do real” (MACHADO, 2005, p. 314)

Sobre a manipulação, como Machado discorre (2005, p. 312) já se manipulavam negativos e fotos antigamente, para diversos fins, como publicitários, políticos e até estéticos. Machado comenta sobre fotografias de fatos históricos que foram manipuladas ao longo da história, muito antes do advento da fotografia digital.

Como Dubois nos fala, apenas no momento da exposição do negativo, (também poderíamos levar em consideração o instante da exposição do sensor digital, com esta mesma ideia no caso da fotografia digital) é que não se tem nenhuma interferência humana.

apenas no instante da exposição propriamente dita, que a foto pode ser considerada como um puro ato-traço (uma mensagem sem código)". Aqui, *mas somente aqui*, o homem não intervém e não pode intervir sob a pena de mudar o caráter fundamental da fotografia. Existe aí uma falha, um instante de esquecimento dos códigos, um índice quase puro. Decerto esse instante dura apenas uma fração de segundo e de imediato será tomado e retomado pelos códigos que não mais o abandonarão (isso serve para relativizar o domínio da Referência em fotografia), mas ao mesmo tempo, esse instante de "pura indicialidade", porque é construtivo, não deixará de ter conseqüências teóricas. (DUBOIS, 1993, p. 51, grifo do autor)

A fotografia então, não é apenas uma captação do real. Ela se faz através do olhar de alguém, do fotógrafo. Apesar de ser classificada como índice, de possuir uma ligação física com seu referente, ela grava e mostra o olhar de quem fotografa sobre um momento, uma pessoa, um acontecimento. Apresenta uma realidade manipulada e construída a partir da visão de alguém. Podemos notar que fotografias de um mesmo local ou de uma mesma pessoa nunca são iguais, dependem de quem as tirou, as montou e as sentiu.

A fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, - e esta é uma condição inerente ao sistema de representação fotográfica - porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. A representação fotográfica é uma recriação do mundo físico ou imaginado, tangível ou intangível; o assunto registrado é produto de um elaborado *processo de criação* por parte de seu autor (KOSSOY, 1999, p.42, grifo do autor)

A câmera é um instrumento, como um pincel para um pintor, ela captura a imagem que o fotógrafo constrói em sua mente e quer transmitir. A fotografia é o olhar do fotógrafo através da câmera.

Se a criação da fotografia passa por diferentes filtros culturais e ideológicos de acordo com o autor, trabalhando junto com as intenções de criação para finalizar a imagem, o processo de interpretação também será feito através de diferentes filtros por parte do receptor. As interpretações sempre serão diferentes. Estão envolvidos diferentes fatores sociais e culturais, além do processo e capacidade de interpretação de cada indivíduo.

Podemos retomar aqui a discussão sobre como, ainda assim, a fotografia parece carregar uma certa ligação com a noção de registro do real. Talvez pelo seu caráter indiciário de ligação física com o referente. Barthes (1984) longamente fala sobre essa conexão física, pois a foto atesta a existência da “coisa real” e do momento da captura da imagem que, com a foto diante dos olhos, não se pode negar ter existido. Dubois (1984, p.48) fala como “O observador Barthes não cessa de se espantar com a pregnância e a presença do referente dentro da foto e por meio dela”. Barthes fala da fotografia como índice, como um registro, como memória, fala da afetividade que pode girar em torno da mesma. E como já dito, é esta conectividade física que parece ainda preservar, de certa maneira, esta crença na fotografia como registro.

Assim, pode-se ver nas fotografias construções de realidades. Se levarmos em conta o processo de criação de cada fotógrafo ao elaborar uma fotografia e juntarmos com esta credibilidade que a fotografia tem como registro, podemos ver ficções construídas nas tramas fotográficas. Fotos cuidadosamente elaboradas que vão servir de propaganda, registro e memória, de documento.

O dado ficcional é, pois, inerente à imagem, na medida em que a fotografia é um testemunho que se materializa a partir de um processo de criação, isto é, construção. *Nessa construção reside a estética de representação.* O ficcional se nutre sempre da credibilidade que se tem da fotografia enquanto pretensa transcrição neutra, isenta, automática, do real, portanto, enquanto uma evidência documental (herança positivista). A idéia que sempre se propagou da fotografia é a de sua suposta característica de objetividade, do que decorre a certeza de uma “transparência” entre o fato e o registro. A representação ultrapassa o fato e a evidência é exacerbada nessa construção; assim se materializa o índice fotográfico; assim se materializa a prova, o testemunho, a partir do processo de criação. Assim se criam realidades. (KOSSOY, 2007, p. 54, grifo do autor)

Existem inúmeras linhas de discussão em torno da questão da fotografia como registro do real. Este trabalho não pretende discutir esta questão, apenas abordá-la, questionando como esta noção pode ter sido alterada ao longo do tempo, e se ela pode estar ligada aos novos significados que podem ser atribuídos à fotografia nos *sites* de redes sociais.

2.2 A FOTOGRAFIA DIFUNDIDA

Com o passar do tempo, a fotografia se tornou cada vez mais difundida, natural e corriqueira na vida humana. O avanço da tecnologia e o barateamento do processo foi um dos impulsos para essa maior difusão.

Em época recente, a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança – o que significa que, como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma arte. É sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder. (SONTAG, 1977, p.18)

Com as câmeras compactas, o homem pôde começar a registrar os aspectos de sua vida cotidiana e familiar, não as grandes conquistas da humanidade, mas sim suas conquistas e momentos pessoais. Sontag (1977, p.19) nos fala da fotografia como um ritual familiar. Cada família constrói uma crônica de si mesma através das fotografias. Todas as atividades devem então ser fotografadas, registradas. Comenta que quando a fotografia tornou-se difundida, nos países em industrialização na Europa e na América, as instituições familiares estavam sofrendo reformulações radicais, então às vezes a única coisa que poderia restar de uma família era seu álbum, cuidadosamente construído.



Figura 7: Instamatic. Câmera popular da Kodak lançada nos anos 70
Fonte: Camerapedia¹⁰

¹⁰ Disponível em: <http://camerapedia.wikia.com/wiki/Kodak_Instamatic_104>

Sontag também fala da fotografia presente na atividade moderna do turismo. De como o homem precisa carregar uma câmera para todos os lugares onde viaja para registrar que ele realmente esteve lá e mostrar mais tarde as suas “fotos-provas” para sua família e seus amigos.

Precede decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera. As fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão. (SONTAG, 1977, p.19)

As fotografias então, além de preservarem e provarem que os momentos registrados realmente aconteceram, ainda teriam outro poder frente à sociedade: a de dar importância ao que foi fotografado. Um tema, qualquer que seja, uma pessoa, deve ser considerado suficientemente importante para ser fotografado, registrado, e depois exposto para pessoas consideradas relevantes por cada fotógrafo.

Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do *status quo* (pelo menos enquanto for necessário para tirar uma “boa foto”), é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar – até mesmo, quando for esse o foco de interesse, com a dor e a desgraça de outra pessoa.” (SONTAG, 1977, p.23, grifo do autor)

A tecnologia fotográfica, além de mais barata e acessível, tornou-se cada vez mais simples. As câmeras compactas são muito fáceis de utilizar. Mesmo as câmeras digitais profissionais, que possibilitam um maior controle para o fotógrafo das questões que irão afetar na foto, têm um funcionamento relativamente fácil. Toda esta facilidade no ato de tirar fotos ajuda a impulsionar esta atividade, pois a facilidade acaba por tornar a fotografia uma coisa natural na vida das pessoas. Essa naturalidade e esta facilidade, parecem ter acabado por firmar ainda mais a necessidade de registrar praticamente tudo e de se ter belas fotos para mostrar-se aos outros. Juntando esta necessidade, com a usabilidade das máquinas, é tão simples, que não há como não tirar muitas fotos. Como Sontag (1977 p.24) comenta, de tão natural e fácil que o processo se tornou, tirar muitas fotos acaba se tornando uma atividade viciante.

O gosto popular espera uma tecnologia fácil e invisível. Os fabricantes garantem a seus clientes que tirar fotos não requer nenhuma habilidade ou

conhecimento especializado, que a máquina já sabe tudo e obedece à mais leve pressão da vontade. É tão simples como virar a chave da ignição ou puxar o gatilho. (SONTAG, 1977, p. 24)

A difusão de câmeras compactas e o barateamento da tecnologia fotográfica fizeram a fotografia cada vez mais difundida e presente na vida cotidiana da sociedade, porém, a publicidade teve um papel gigantesco na veiculação massiva de imagens. Amplamente utilizadas, as fotografias estão em praticamente todos os meios de comunicação atuais.

A indústria da imagem se viu enormemente desenvolvida em função da sociedade de consumo; e a publicidade, estabelecendo padrões de gosto e comportamento, tem desempenhado papel preponderante na criação de todo um ideário estético. (Kossoy, 2001, p. 137)

O bombardeio de imagens é onipresente. O homem se tornou dependente de imagens, tanto para aprender, como para se manter informado e para consumir. São anúncios em *outdoors*, panfletos, *flyers*, propagandas e notícias ilustradas em revistas e jornais, livros didáticos ilustrados, imagens em embalagens, fotos em cartões de visitas, álbuns de formatura, de casamento, de aniversários e de viagens de férias, álbuns fotográficos virtuais nos *sites* de relacionamentos, fotos de perfil, fotos nos *sites* de descontos, nos *sites* de instituições, nos *sites* de notícias. Em muitos *sites* que visualizamos atualmente, existe uma carga gigantesca de imagens e fotografias, e é difícil encontrar alguns com poucas imagens, salvo exceções como páginas de *login*, e interfaces de contas eletrônicas, por exemplo.

Cada vez mais o aprendizado natural e a experiência que adquirimos no mundo real têm sido substituídos pela representação. Imerso num mundo de imagens de diferentes naturezas, produzidas pela indústria cultural (informação, notícia, lazer, entretenimento, publicidade), o espectador-receptor foi diminuindo gradualmente o seu tempo de contato com a realidade concreta e substituindo-o, dramaticamente pela realidade do mundo das imagens. (KOSSOY, 2007, p. 162)

Com esta presença maciça na sociedade, tanto na vida pessoal e cotidiana, como no mercado profissional e de propaganda, a técnica fotográfica continuou a ganhar fortes investimentos e estudos para sua evolução.

3 AS NOVAS TECNOLOGIAS

Com a enorme difusão da fotografia, houve um crescente impulso para o desenvolvimento tecnológico da mesma. O advento da fotografia digital acarretou mudanças gigantescas na sociedade consumista. Inúmeras mudanças aconteceram no modo de fotografar, no mercado publicitário e conseqüentemente para o público consumidor, tanto de produtos como de imagens. Com a fotografia digital, um número muito maior de pessoas pode consumir e também tirar e manipular uma quantidade consideravelmente grande de fotografias de maneira muito mais fácil e barata. Assim, retratar-se com um número grande de fotos tornou-se bastante acessível, tanto em nível profissional como amador. Como Arlindo Machado (1993) comenta: “tudo isso tem causado o maior impacto sobre o conceito tradicional de fotografia e promete daqui para a frente introduzir mudanças substanciais tanto na prática quanto no consumo de imagens fotográficas em todas as esferas de utilização.”

3.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS FOTOGRÁFICAS

Há vários modelos de câmeras digitais, de diferentes tamanhos e com diferentes finalidades. Há compactas com funções automáticas e sem muitos controles, que apresentam grande facilidade para serem manipuladas, destinadas a pessoas que querem registrar seus momentos de forma rápida, fácil e com um grande número de imagens. As especificações e tamanhos vão variando, os controles sobre as fotos vão aumentando até chegar-se às máquinas profissionais, que permitem ao fotógrafo um maior controle sobre as fotografias. Os controles destas câmeras digitais profissionais se assemelham muito aos das analógicas profissionais. “Elas possuem controles manuais, lentes intercambiáveis, sapata para flash externo, visor através da lente, alta resolução nas imagens [...]” (HOPPE, 2008, p. 37). As máquinas fotográficas digitais apresentam quase os mesmos recursos que as analógicas apresentavam, tanto para profissionais como para amadores, com a

diferença do formato digital, que muitas vezes acaba apresentando vantagens e facilidades para seus usuários.

As câmeras digitais possuem um sensor eletrônico em vez de um filme. A lente focaliza a luz para criar a imagem do que está sendo fotografado como em uma máquina analógica, mas a luz sensibiliza o sensor invés do filme. “O sensor transforma a luz em impulsos elétricos, que posteriormente viram a imagem digital.” (HOPPE, 2008, p.53) As informações da imagem gravadas eletronicamente são convertidas em dados digitais e armazenadas na câmera. Como a foto já está no formato digital, é bastante fácil transferi-la para o computador, armazená-la em mídias como DVDs ou *pen drives* e manipulá-las nos *softwares* digitais.

Os sensores mais comuns são basicamente de dois tipos: CCD (*Charge Coupled Device*) e CMOS (*Complementary Metal Oxide Semiconductor*). Os dois apresentam qualidade bastante similar na captação das imagens. Apenas na velocidade o CDD é superior, porém, isso acarreta um maior gasto de energia.¹¹ As câmeras digitais possuem um *chip* de processamento que será o responsável por converter os impulsos elétricos em sinais digitais. As imagens fotográficas digitais são formadas por *pixels*, que são minúsculos pontos. “Todo sensor possui milhares de minúsculos sensores individuais, chamados de *pixel (Picture element)*, que captam a luminosidade e a cor que incide sobre eles.” (HOPPE, 2008, p.54). Assim, a diferença na resolução que encontramos nas diferentes câmeras digitais, está relacionada à capacidade do sensor das mesmas em captar *pixels*. Quanto maior o número de *pixels*, melhor a qualidade da imagem.

As câmeras digitais podem ser embutidas em vários suportes, como *notebooks* e celulares, o que acaba tornando o ato de fotografar muito mais natural e corriqueiro. Mas as inovações não são apenas nas máquinas fotográficas. Há um número muito maior de tecnologias e suportes, como, cartões de memória, cabos que ligam as câmeras a monitores e computadores, *pen drives*, *softwares* de manipulação de imagens e a Internet. Com tudo isso, a fotografia ganha novas possibilidades de formato, armazenamento, veiculação e manipulação.

A fotografia digital apresenta algumas vantagens perante a analógica. Além de ser possível capturar mais imagens, não é preciso revelar e nem tomar cuidado para não queimar o negativo, por exemplo, a fotografia digital também facilitou o

¹¹ HOPPE, 2008

veículo e a comunicação entre os fotógrafos. É muito mais fácil e barato copiar as fotos diretamente da câmera para o computador, do que digitalizar um filme para depois colocá-lo no computador.

Com os celulares, é possível enviar fotos por mensagens para amigos, como enviar as fotos diretamente para a Internet, por correio eletrônico ou diretamente para *sites* com álbuns digitais, como os *sites* de relacionamento.

Na área comercial a fotografia digital é indispensável. É difícil, nos dias de hoje, encontrar alguém que ainda preste serviços com a fotografia convencional. Além das facilidades já mencionadas, há ainda toda a rapidez de entrega das fotos que possuem urgência. A vantagem do número de fotos e do preço também é muito importante

Outra diferença significativa da fotografia digital perante à analógica, considerada por muitos uma vantagem, é o visor de cristal líquido, mais conhecido como visor de LCD, que vem embutido nas novas câmeras. Estes visores mostram a imagem que está sendo focalizada pela máquina para que quem a opera possa ter uma visão clara da cena e escolher o momento certo para fotografar. “Quando a cena está perfeita, você clica e captura a imagem. E mais: depois de fazer a foto, você ainda pode verificar o resultado, podendo inclusive apagar as fotos ruins.” (HOPPE, 2008, p.40) O entusiasmo mostrado por Hoppe é compartilhado por muitas pessoas. O visor LCD propicia além de tudo, economia, pois possibilita imprimir apenas as fotos que ficaram realmente boas.

No livro de Hoppe (2008), vemos a afirmação de que “a fotografia digital despertou novamente o desejo de fotografar em milhares de pessoas”, isto teria acontecido pela facilidade e barateamento do processo. Ele também fala de como os visores móveis de LCD permitem que o fotógrafo não tenha mais que entrar em posições desconfortáveis para conseguir registrar determinadas cenas.

O visor LCD trás muitas vantagens, mas também traz uma mudança gigantesca para o ato de fotografar. Antes, com as câmeras analógicas, era necessário planejar a foto, visualizar o que se ia fazer, preparar-se para capturar a imagem. Depois de feita a foto, era necessário aguardar a revelação do negativo e a ampliação da foto para finalmente o resultado poder ser visto. Não planejar a foto e não ter experiência poderia acarretar em perda de tempo e dinheiro. O visor LCD altera radicalmente esta dinâmica. Ele convida o operador da câmera a tirar mais fotos em um menor período de tempo, pois além de se poder saber do resultado da

captura na hora, não há a preocupação com o preço das revelações. Além do mais, muitas pessoas nem chegam a imprimir fotos como antigamente, preferem guardá-las nos computadores ou carregar em celulares. Com isto, podemos perceber um fluxo muito maior de imagens circulando e sendo assimilado, e uma alteração significativa no modo de conceber e entender fotografias.

Existem pessoas e fotógrafos que não veem com bons olhos todas estas mudanças que a fotografia digital acarretou. Além de uma maior “frivolidade” em relação às fotografias, e uma relativa diminuição do valor agregado a cada foto em si (o tempo de visualização, assimilação e apreciação se torna relativamente menor com as novas tecnologias e um fluxo maior de imagens), um dos grandes motivos para esse desgosto é a grande facilidade que as imagens digitais apresentam para a manipulação.

Machado (1993) comenta sobre estas alterações que a fotografia digital acarretou nos antigos moldes e costumes da fotografia:

Mas seria um equívoco descomunal olhar para tudo isso como se estivéssemos diante de uma catástrofe, como se as telas eletrônicas, ao se multiplicarem ao nosso redor, estivessem também anunciando a chegada do apocalipse. A nova situação criada pelo advento dos meios eletrônicos e digitais oferece uma boa ocasião para se repensar a fotografia e o seu destino, para colocar em questão boa parte de seus mitos ou de seus pressupostos e, sobretudo, para redefinir estratégias de intervenção capazes de fazer desabrochar na fotografia uma fertilidade nova, de modo a recolocar o seu papel no milênio que se aproxima. (MACHADO, 1993)

É certo que a fotografia digital trouxe muitas alterações no modo tradicional de fazer e pensar fotos. Pode-se dizer que houve mudanças negativas, mas mudanças são coisas que acontecem naturalmente com o passar do tempo, e muitas delas foram positivas para a fotografia, de alguma maneira.

3.1 OS NOVOS MEIOS DE MANIPULAÇÃO

Este estágio pelo qual a fotografia passou, não foi apenas de difusão, mas sim de novas possibilidades de armazenamento e manipulação. Com o formato digital, muitas ferramentas novas surgiram.

Antigamente as manipulações eram feitas nos laboratórios fotográficos, nos negativos ou nas ampliações. Hoje não é mais necessário o domínio da técnica laboratorial para fazer alterações nas fotos. Isto pode ser conseguido facilmente pela introdução dos *softwares* específicos para este fim. É necessário um estudo e prática com tais dispositivos, mas é inegável que sua utilização é imensamente mais fácil e acessível do que manipular e ampliar negativos em laboratórios fotográficos.

Uma vez que se encontra sujeita a todas as transformações, a todas as distorções e anamorfoses, a imagem fotográfica, sobre a égide da eletrônica, converte-se agora no meio por excelência da *metamorfose* (MACHADO, 2005, p. 315, grifo do autor)

A facilidade e a alta evolução dos *softwares* de edição de imagens abrem um grande leque de possibilidade para os artistas gráficos. A rapidez e a versatilidade destes programas acabam proporcionando efeitos plásticos interessantes nas imagens digitais, que podem causar um maior impacto visual de acordo com os resultados desejados em cada trabalho.

Além das manipulações e alterações de imagens fotográficas para fins publicitários, artísticos e comerciais, um fenômeno que pode ser observado hoje é a manipulação digital para tratamento estético de fotos. Inaugurada por revistas e instituições de moda, esta tendência chega à uma grande parcela da população. Podemos notar isto nas empresas que tratam fotos para *books*, álbuns de eventos, ou até mesmo a pedido do cliente. Mas estes *softwares* estão tão difundidos, que o tratamento digital pode ser feito em casa, por qualquer pessoa, que faz uma maquiagem virtual em si mesma, de maneira a produzir uma nova fotografia que lhe agrade mais.

Machado mostra como o nível das manipulações feitas nos programas digitais é muito superior àquelas anteriormente feitas em laboratórios. Comenta sobre como é muito mais difícil encontrar vestígios de tais interferências, antes identificáveis apenas com o uso de um microscópio.

Qualquer imagem fotográfica pode ser profundamente alterada, alguns de seus elementos podem ser importados de outras imagens, o nariz de um modelo pode ser alongado ou reduzido e até mesmo trocado com o de outra figura, rugas ou excesso de gorduras podem ser eliminados dos corpos fotografados, a posição dos objetos no quadro pode ser alterada para possibilitar um novo enquadramento, até mesmo erros de foco, de mensuração de luz ou de velocidade de obturação podem ser corrigidos na tela do computador. (MACHADO, 1993)

Tutoriais de como utilizar os programas de manipulação de imagens podem ser facilmente encontrados na Internet em grande numero. Livros e revistas que ensinam os mais complexos efeitos possíveis nestes *softwares* também podem ser facilmente encontrados em livrarias e bibliotecas. O livro de Hoppe (2008) possui instruções sobre desde como fazer pequenos ajustes de cor e contraste nas fotografias, até sobre como apagar totalmente elementos e mudar suas cores.

Um grande número de pessoas já realiza algum tratamento de suas imagens antes de colocá-las na Internet. Isso pode ser observado nos álbuns pessoais dos *sites* de relacionamentos. Também é possível encontrar um grande numero de *softwares* de manipulação de imagens disponíveis na Internet para serem instalados de maneira pirata em computadores pessoais, como de empresas pequenas.

Logo, o que pode se ver, é que está cada vez mais difícil visualizar imagens sem pelo menos alguma manipulação digital, pois esta já é possível até mesmo nos ambientes domésticos. Machado nos diz que pode haver novas possibilidades como consequências boas nesta nova realidade. Uma delas seria que a fotografia poderia ser vista com menos ingenuidade e finalmente libertada do seu caráter de registro fiel do real.

A conclusão provisória que podemos arriscar extrair dos dados com os quais podemos contar hoje é mais ou menos a seguinte: por mais predatória que seja a intervenção da eletrônica no terreno da fotografia, ela produz também alguns resultados positivos a médio prazo, que poderíamos caracterizar como sendo, de um lado, a incrementação dos recursos expressivos da fotografia e, de outro, e principalmente, a demolição definitiva e possivelmente irreversível do mito da objetividade fotográfica, sobre o qual se fundam as teorias ingênuas da fotografia como signo da verdade ou como reprodução do real. (MACHADO, 1993)

Machado (1993) ainda comenta como esta libertação pode ser muito saudável, pois a antiga crença na representação fiel do real poderia ser substituída pela ideia “da imagem como construção e como discurso visual”, ideia esta que estaria melhor situada nos dias atuais do que a de registro fiel. Talvez olhar para as fotografias como representações, construções da realidade como citado anteriormente nas palavras de Kossoy (2007), além de mais saudável, seja muito mais coerente com a realidade atual, observando as inúmeras fotografias digitais na publicidade e os álbuns pessoais digitais na Internet.

4 A INTERNET E A FOTOGRAFIA

A Internet inaugurou um novo meio para veicular e publicar fotografias maciçamente. As novas tecnologias fotográficas digitais, citadas anteriormente, proporcionaram uma imensa facilidade nestas atividades. Fotógrafos profissionais publicam suas fotos em portfólios digitais, porém um grande número de pessoas possui uma página em algum *site* de relacionamentos, que permite publicar um grande número de fotografias.

O que a rede da Internet proporciona não é apenas compartilhamento de fotos e imagens¹² (digitais ou digitalizadas), mas de informações e arquivos de diversos tipos. A invenção desta rede é recente se for comparada à da fotografia, por exemplo. Mas vários estágios tiveram de ser atravessados até chegarmos a toda esta conectividade do mundo atual.

4.1 BREVE HISTÓRICO DA INTERNET

As origens da Internet se encontram em motivos militares, durante o período da Guerra Fria. Os Estados Unidos precisavam proteger suas informações e a comunicação militar se houvesse um ataque da União Soviética ao Pentágono, onde ficava um computador central por onde passavam as comunicações. Foi então construída uma rede com um *Back Bone*¹³ que passava debaixo da terra, por onde os militares americanos podiam se comunicar e armazenar informações. Isto tornou os Estados Unidos mais protegidos frente a um ataque, já que a mesma não possuía um centro definido. A Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, conhecida como ARPA na sigla em inglês, do Departamento de Defesa americano, criou essa rede em 1969 que foi batizada de ARPANET. (MARCONDES, 1998, p.3)

¹² Representações visuais das formas do mundo perceptível ou de formas imaginárias produzidas pela atividade mental (ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS)

¹³ “Coluna dorsal de uma rede. Backbone representa a via principal de informações transferidas por uma rede.” (MARCONDES, 1998, p.3)

Após o final das ameaças da Guerra Fria, a rede foi aberta para ser utilizada por cientistas e universidades. Logo ela também foi aberta para pesquisadores domésticos, e assim aumentou seu alcance de compartilhamento de informações. Nos anos 80 nos EUA a Internet começou a ser utilizada por grupos que se comunicavam eletronicamente, mas apenas em 1990 ela atingiu uma maior quantidade de pessoas comuns. (KIRKPATRICK, 2011, p.78)

No Brasil, somente em 1991 foi criada a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), que era destinada exclusivamente a universidades e instituições acadêmicas de pesquisa. Foi apenas em 1995, com um grande incentivo da Embratel, que a RNP foi aberta para a exploração de provedores comerciais brasileiros. (MARCONDES, 1998, p.4)

Esta chegada tardia da Internet em território brasileiro, devido a limitações econômicas e tecnológicas das conexões¹⁴, acabou por atrasar uma utilização mais popular da mesma no país. Entretanto, em época recente, é possível notar um crescimento do acesso à rede por parte da população brasileira. Os *sites* de redes sociais podem ter contribuído fortemente para esse aumento do número de acessos, como afirma Recuero em entrevista a Cardoso (2011).

4.2 OS *SITES* DE REDES SOCIAIS NA INTERNET

O número de brasileiros com acesso à Internet cresceu significativamente no último ano. Segundo pesquisa divulgada pelo Ibope Nielsen Online, “O acesso à Internet em qualquer ambiente (domicílios, trabalho, escolas, *lan houses* ou outros locais) atingiu 77,8 milhões de pessoas no segundo trimestre de 2011”. A categoria “comunidades”, que inclui *sites* como blogs, microblogs e outras páginas de relacionamentos, atingiu 87% dos usuários em agosto. Estes dados classificam o Brasil como um dos países com o maior número de internautas que utiliza essa categoria.

O Ibope também divulgou os números de internautas no Facebook e no Orkut, que são os *sites* de relacionamentos mais usados no Brasil. “Em agosto, o

¹⁴ BRANT, 2003

Facebook atingiu 30,9 milhões de usuários únicos, ou 68,2% dos internautas no trabalho e em domicílios, equiparando-se ao Orkut, o maior *site* social no Brasil, até então, que registrou alcance de 64%, ou 29 milhões de usuários.”

De acordo com Requero (2009, p.102) “*Sites* de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet.” Estes *sites* permitem que os usuários troquem mensagens, compartilhem informações, fotografias, vídeos, músicas, opiniões, notícias, usem aplicativos *online* com os outros usuários que também participam dos *sites*. Geralmente as interações acontecem entre amigos, conhecidos e familiares, criando redes individuais personalizadas. É importante ressaltar, como Recuero nos fala, que estes *sites* são apenas suportes para as redes sociais, e não são redes sociais em si.

Eles podem apresentá-las, auxiliar a perceber-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2009, p. 103)

Nestes *sites* que permitem aos seus participantes um grande número de interações, as possibilidades de comunicação e compartilhamento são muito amplas.

[...] a finalidade das RSIs¹⁵ é prioritariamente a de promover e exacerbar a comunicação, a troca de informação, o compartilhamento de vozes e discursos, o que vem comprovar que, se a meta dos organismos vivos é se preservar (“o organismo quer perdurar”) e se o desejo humano é ser desejado por outro ser humano, aquilo que o ser humano quer é, sobretudo, se comunicar, não importa quando, como, para quais fins. As RSIs estão demonstrando que o humano quer se comunicar com a finalidade pura e simples de se comunicar, estar junto. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 50, grifo do autor)

As redes sociais na Internet já passaram por outros estágios, e foram se desenvolvendo juntamente com o avanço dos recursos disponíveis na própria Internet como na possibilidade da população de poder utilizá-los. Santaella e Lemos (2010) falam da característica de navegação monomodal dos anos 90, onde o internauta de forma linear saía de um ponto para ir a outro através de *links*¹⁶, acessando blogs, fóruns, *chats*, mecanismos de pesquisas etc. A navegação se

¹⁵ Redes sociais da Internet (Santaella; Lemos, 2010, p.7)

¹⁶ Dispositivos para estabelecer ligações entre páginas diferentes da World Wide Web (WWW). (ASSOCIAÇÃO DOS DESIGNERS GRÁFICOS)

dava pela procura de algum objetivo, mesmo que às vezes o caminho fosse desviado, possuía um início e um fim de forma bastante temporal. Esta navegação linear, porém, resultou na formação de nódulos e comunidades virtuais que compartilhavam temas específicos. Isto ajudou a criar as primeiras redes sociais.

A intensa velocidade da extensão e interconexão entre os nódulos informacionais da rede fez com que comunidades se formassem ao redor de nódulos estratégicos de interesses compartilhados. A partir desse movimento de “tribalização” digital é que as primeiras plataformas de redes sociais foram surgindo. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 57, grifo do autor)

A comunicação em tempo real foi possibilitada a partir da segunda metade da década de 90. Santaella e Lemos (2010, p.58), descrevem a evolução das RSIs embasadas nas possibilidades de comunicação que elas proporcionam.

A interatividade em tempo real configura as RSIs 1.0., por exemplo o ICQ e o MSN. O compartilhamento de arquivos e interesses em rede configura as RSIs 2.0. que seriam *sites* como o Orkut e o MySpace. As RSIs 3.0. são caracterizadas pela possibilidade de integração com outras redes, pela utilização de jogos sociais *online* e pela utilização de aplicativos para a mobilidade. Como exemplo, temos o Facebook e o Twitter. “Assim, sua evolução caracteriza-se pela transformação gradual das redes monomodais 1.0 para redes monomodais múltiplas 2.0, até as redes multimodais. 3.0.” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 57)

Atualmente, é comum vermos serviços de redes sociais na Internet que agregam todas estas características. O Orkut é um dos *sites* que foi incorporando todas estas modalidades aos poucos, a fim de acompanhar as inovações apresentadas pelos seus concorrentes e manter seu número de usuários.

Em 1997 foi lançado o Sixdegrees, criado por Andrew Weinreich, que foi o primeiro serviço *on-line* a tentar criar uma rede social embasada nos contatos de pessoas, que usariam seus nomes reais em uma comunidade virtual para se relacionarem. (KIRKPATRICK, 2011, p.79) Para ingressar no Sixdegrees era necessário receber um convite por *e-mail*, ideia que seria posteriormente utilizada por outros *sites* de relacionamentos. Este serviço atraiu milhões de usuários, porém, sua manutenção era muito cara e não foi possível sustentá-lo, o que acarretou o fechamento do mesmo no ano 2000.¹⁷

¹⁷ RELACIONAMENTO, história dos sites de

Segundo seus criadores, o Sixdegrees estava à frente de seu tempo. A maioria das pessoas ainda possuía conexão discada, o que causava uma experiência muito lenta. (KIRKPATRICK, 2011, p.80) Outro problema do *site*, era a impossibilidade de carregar fotos, pois naquela época a maioria das pessoas não possuía câmeras digitais.

A falta de fotos era um problema tão óbvio que, em 1999, Weinreich cogitou seriamente pedir aos integrantes que enviassem seus retratos impressos para que os estagiários pudessem digitalizá-los um a um, com o método de uma linha de montagem. (KIRKPATRICK, 2011, p.80)

Diante de tais afirmações, é possível perceber que a fotografia digital influi muito no sucesso dos *sites* de relacionamentos, pois as fotos tornam a conexão e a experiência dos usuários nestes *sites* altamente ilustrada e atrativa.

Houve outros serviços similares após o Sixdegrees, como o Friendster, o Fotolog, o MySpace, o *LinkedIn* etc. Eles possuem algumas características em comum, alguns fizeram mais sucesso do que os outros, as vezes para públicos ou em áreas mais localizadas. O fato é que nenhum deles conseguiu ser tão abrangente e ter tantos usuários quanto o Facebook.

O Sixdegrees não conseguiu perdurar por não encontrar um ambiente propício, tanto tecnológico como econômico. Os *sites* de redes sociais atuais, porém, encontraram um período muito fértil para se desenvolverem como um novo meio de comunicação na sociedade. Isso foi possível graças aos fatores culturais atrelados a um número muito maior de pessoas com acesso a Internet com uma velocidade mais alta de conexão.

Estes fatores contribuíram para a larga popularização dos mesmos, e como as estatísticas aqui apresentadas demonstram, estes *sites* estão sendo amplamente utilizados pela população brasileira. As informações divulgadas, mostram uma mudança significativa na preferência do serviço que antes era o mais utilizado e soberano no país, visto que o Orkut, que foi a porta de entrada para um grande número de brasileiros na Internet, e portanto, um dos grandes responsáveis por uma maior inclusão digital no país¹⁸ foi ultrapassado pelo Facebook, o americano que atualmente é o maior *site* de relacionamentos do mundo.

¹⁸ Recuero em entrevista a Cardoso (2011)

Os dois *sites* continuam apresentando grande assiduidade por parte dos internautas brasileiros, como um aumento significativo de usuários em relação aos anos anteriores, como a pesquisa do Ibope demonstra. O fato de os números geralmente estarem em ascensão, pode demonstrar que a quantidade de usuários destes *sites* tende a aumentar.

As fotografias têm um papel importantíssimo nos perfis online dos usuários nestes *sites*, porém, uma conceituação dos mesmos torna-se necessária para um melhor entendimento dos objetivos deste trabalho.

4.2.1 O Orkut

O Orkut foi criado por um estudante turco da universidade de Stanford chamado Orkut Buyukkokten. Buyukkokten criou um serviço de nome Club Nexus em 2001, um *site* de relacionamentos para os alunos da referida universidade. Posteriormente, Buyukkokten foi contratado pelo Google, onde apresentou seu *site* de relacionamentos reformulado. O Google então, levou ao ar o *site* Orkut em janeiro de 2004.

O serviço de rede social *online* foi aberto em diversos países e era bastante utilizado, mas como Kirkpatrick (2011) nos fala “[...] manteve-se firme diante da enorme onda do MySpace, mas no final de 2004, e de maneira um tanto extraordinária, foi inteiramente tomado pelos brasileiros.” Este fenômeno da tomada do Orkut pelos brasileiros acabou “expulsando” os usuários estadunidenses do serviço. Fragoso (2006) fala da hostilidade que ocorreu entre usuários norte-americanos e brasileiros no *site*. Os jovens brasileiros se mobilizaram de forma extraordinária para ultrapassar o número de usuários estadunidenses no *site*, e formularam praticamente uma campanha com esse objetivo.

O comportamento dos internautas brasileiros incomodou muito os estadunidenses, que tratavam o Orkut como um serviço elitizado, pois para abrir uma conta no *site* era preciso ser convidado por *e-mail*. Já os brasileiros convidavam o maior número possível de pessoas e adicionavam contatos sem muito critério, acumulando “amigos” às centenas. Fragoso (2006) mostra que os conflitos foram diversos. Os brasileiros recusavam-se a conversar em inglês nas comunidades de

língua inglesa, e foram criadas diversas comunidades nacionalistas e com temas hostis, tanto em relação à entrada dos brasileiros no serviço por parte dos estadunidenses, quanto por parte dos brasileiros proclamando ódio aos Estados Unidos da América.

O resultado de todo esse confronto, como já dito, foi que os brasileiros superaram em muito o número de usuários dos EUA, e permaneceram como a maior parcela de usuários do serviço.

Logo, não seria mais necessário receber um convite por *e-mail* para entrar no Orkut, e o cadastro no *síte* se tornou livre para qualquer usuário.

Muitas das características principais do Orkut como do Facebook podem ser encontradas nos seus predecessores, como o *Sixdegrees* e o *Friendster*, pois eles não foram os primeiros *sítes* de redes sociais, e aprimoraram muitas ideias dos *sítes* antigos.

O usuário que se cadastra no Orkut passa a possuir uma página de perfil pessoal. Esta página apresenta o nome do usuário e uma foto pessoal no canto esquerdo superior. A página ainda apresenta informações como status de relacionamento, naturalidade e data de nascimento. Quem decide quais informações irá apresentar é o dono do perfil. Ele ainda pode adicionar seus interesses como músicas, filmes e livros. Ainda é possível preencher uma frase de status que pode ser continuamente alterada e preencher um campo intitulado “quem sou eu” onde cada um pode se descrever da maneira que melhor achar conveniente.

Ao lado direito superior da página dos perfis, ficam as fotos com os nomes dos “amigos” adicionados, que são *links* para os perfis pessoais. Estas fotos são escolhidas pela própria pessoa para ilustrar seu perfil, conseqüentemente é a foto que a representa na rede e servirá como um caminho até a sua página pessoal. Como as fotos funcionam como *links*, por ser mais fácil, às vezes os usuários acabam sendo identificados mais pela foto de perfil do que pelo nome.

Para ser amigo de alguém no Orkut, é preciso que os dois lados aceitem o novo contato. Logo abaixo do espaço com as fotos dos amigos, ficam as fotos das comunidades *online* que os usuários participam, onde cada foto é um *link* para a página da comunidade respectiva, da mesma maneira como funcionam as fotos dos perfis.

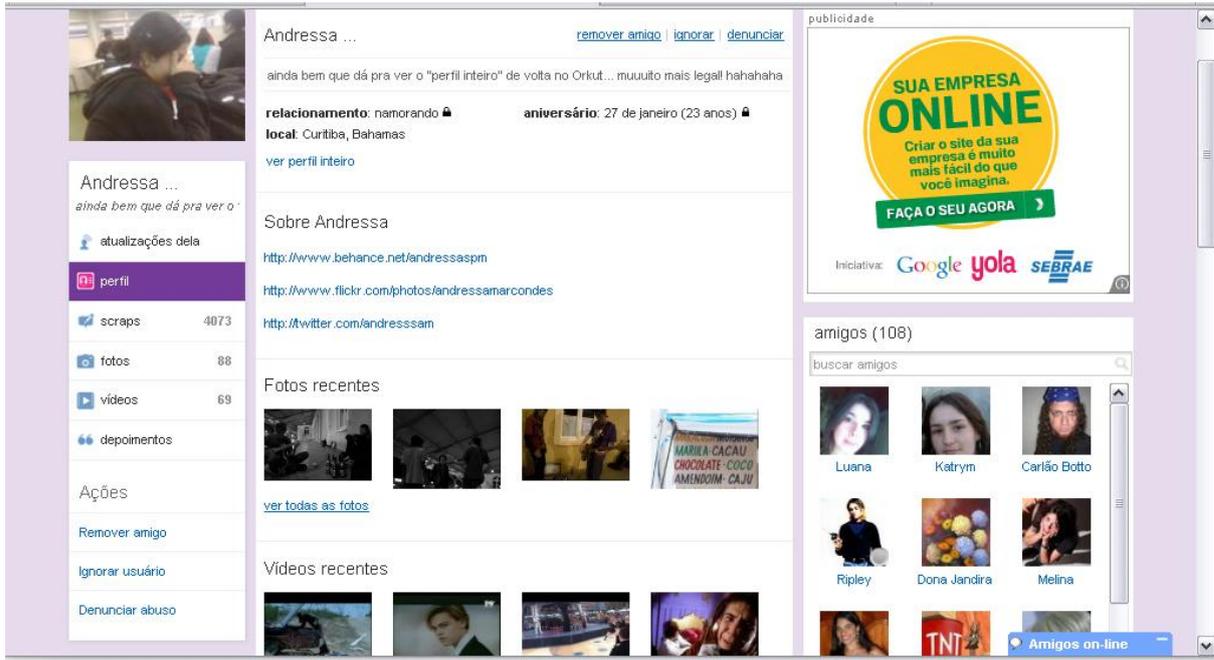


Figura 8: Perfil do Orkut

Fonte: *Síte de relacionamentos Orkut*

No Orkut é possível criar páginas de comunidades *online* dos mais variados temas e escolher uma foto que melhor a ilustre. Assim, é possível “participar de comunidades” referentes aos assuntos que despertem o interesse de cada um. Nelas, é possível criar fóruns de discussão sobre assuntos ligados ao tema de cada uma. Também é possível participar da comunidade sem participar de nenhuma discussão, permanecendo nela apenas para indicar interesse e identificação com o tema.

The screenshot shows the Orkut website interface. At the top, there are navigation links like 'Web', 'Mapas', 'Notícias', 'Orkut', 'Tradutor', 'Livros', 'Email', and 'Mais'. The main header features the Orkut logo and navigation buttons for 'página inicial', 'perfil', 'scraps', and 'comunidades'. A search bar is located on the right. The central content area is for a community named 'Não sei resumir filmes.' It includes a profile picture of a man in a hat, a description of the community, and a list of members. Below the description, there is a forum section with a table of topics and posts. To the right, there are sections for 'membros' and 'comunidades relacionadas'.

Descrição:

- Como era o filme?
- Ahmmm.. era de tipo suspense, tinha uma mulher que era a...fazia o...aquela que fez aquele filme que...não lembro, mas era como se fosse antigamente, saca. Ai tocava aquela música...esqueci, mas é bem conhecida, não a mulher, mas a música, ai um cara aparecia e era velho, não velho, mas não era novo, acho que era efeito especial, nisso dava uns flashes e a cena voltava, aparecia um temporal na janela e a mina olhava, no fim eu sei que na verdade não era nada daquilo que o filme passava, tá ligado, era igual aqueles filmes de...esqueci o nome...mas era muito foda o filme, muito foda.

Filmes fáceis de resumir:
<http://migre.me/GVoj>

Idioma: Português (Brasil)
categoria: Viagens
dono: Jarrier Modrow
tipo: público
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
local: Brasil
criado em: 3 de outubro de 2007
membros: 35.737

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Qual o seu filme favorito?	46	29/09/11
<input type="checkbox"/> Com Licença	1	14/09/11
<input type="checkbox"/> tente adivinhar o filme	852	11/09/11
<input type="checkbox"/> SOBRE FILMES	2	29/08/11
<input type="checkbox"/> FILMES QUE NÃO SEI RESUMIR	1	29/08/11

Figura 9: Comunidade do Orkut

Fonte: Site de relacionamentos Orkut

Talvez as comunidades *online* sejam um dos maiores atrativos e das maiores diferenciações do *site*, como afirma Manoel Fernandes, diretor da Bites, empresa especializada em análise de mídias sociais em entrevista a Cardoso (2011).

Todo usuário do Orkut pode carregar fotos em álbuns fotográficos. Antigamente o número era limitado para 12 fotos, mas logo este número aumentou significativamente e foi possível ter vários álbuns com um número grande de fotografias. Estas fotos podem ser apenas visíveis a amigos, como para todos que estão no Orkut. Também há a possibilidade de comentar as imagens, e aí também é possível escolher se qualquer um pode comentar ou apenas amigos.

Na página pessoal inicial do *site* há um espaço central com as atualizações dos contatos pessoais. Quando alguém adiciona uma comunidade, um novo amigo, um vídeo, novas fotos ao perfil ou simplesmente diz algo que torna público, os seus amigos¹⁹ são notificados do ocorrido. Há então, um espaço central na página, onde o usuário recebe todas as “notícias” referentes aos amigos que adicionou. Este espaço é muito semelhante ao *feed* de notícias do Facebook.

¹⁹ É possível que o usuário configure as opções de privacidade de modo que pessoas selecionadas entre os amigos, não possam visualizar as suas atualizações pessoais.

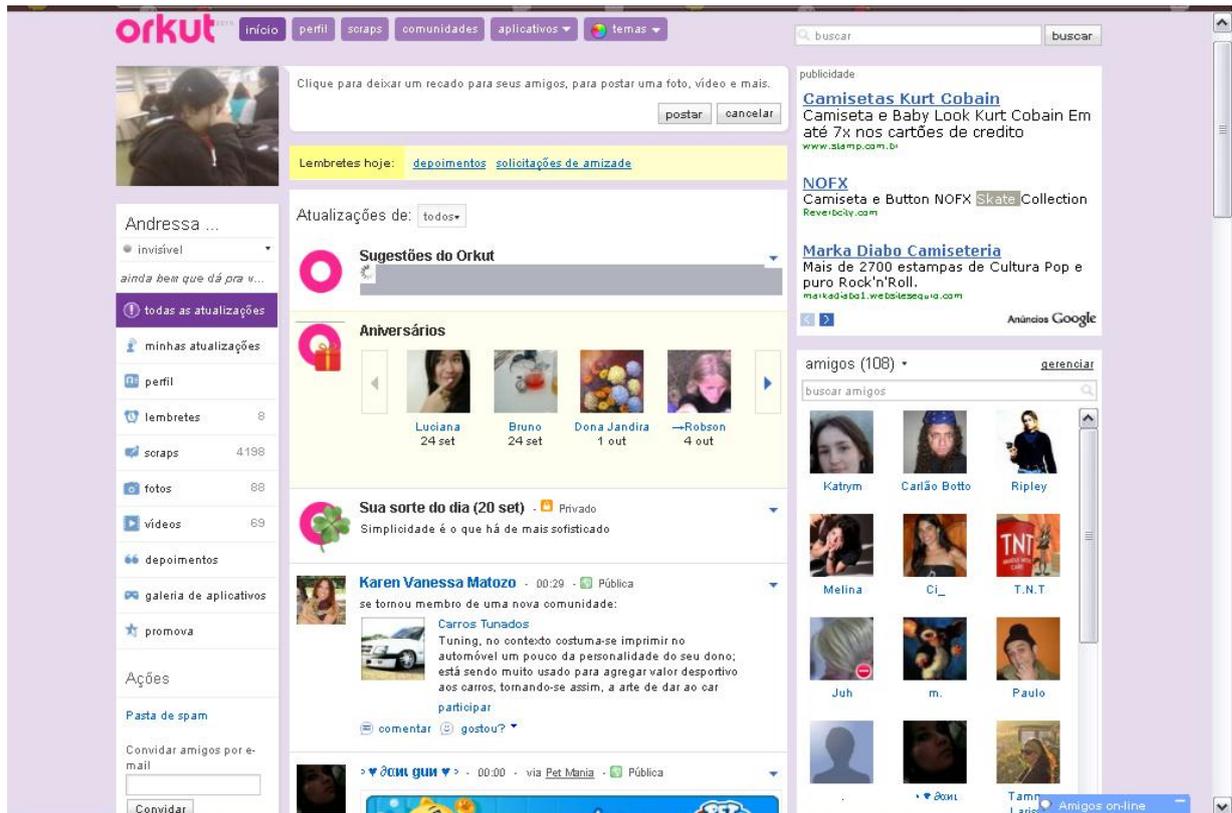


Figura 10: página inicial do Orkut

Fonte: *Site* de relacionamentos Orkut

O Orkut, seguindo os passos do Facebook, em 2007²⁰, abriu sua plataforma para desenvolvedores externos de aplicativos. Isto resultou em um maior número de usuários que aderiram ao serviço apenas para usar os aplicativos de jogos *online*.

Todas estas propriedades de troca de informações e comunicação foram responsáveis pelo grande número de cadastros no *site* por parte dos brasileiros. O *site* suporta as redes sociais de cada usuário proporcionando uma imensa facilidade em se comunicar de diversas maneiras com vários contatos. Conforme já apresentado, o Orkut se manteve soberano durante seis anos no país. Agora, perdendo em número para o Facebook, é difícil saber o futuro do Orkut. Recuero diz na entrevista para Cardoso (2011) que o Orkut teve um papel importantíssimo no Brasil, pela sua capacidade de levar um número muito grande de pessoas a utilizarem o serviço e a Internet, inclusive pessoas das classes de menor poder aquisitivo. Ela ainda diz: "Acho que jamais teremos um fenômeno semelhante, em

²⁰ RECUERO, 2009, p.167

termos de importância para um país. Mas também não sei por quanto tempo sobreviverá".

Hoje, podemos ver até mesmo mecanismos que os internautas utilizam para importar suas informações e fotos do Orkut para o Facebook de forma muito facilitada, apenas clicando em um *link*. É difícil saber se o Orkut irá desaparecer, mas é preciso perceber a enorme ascensão do Facebook não só no Brasil, mas em outros países do mundo.

4.2.2 O Facebook

O *site* de relacionamentos Facebook foi criado pelo estudante americano Mark Zuckerberg, enquanto ele era um estudante na universidade de Harvard. Originalmente o serviço se chamava *Thefacebook* e foi criado como um *site* de relacionamentos apenas para estudantes e funcionários de Harvard. O serviço foi crescendo, sendo aberto e amplamente aceito nas outras universidades e instituições de ensino dos Estados Unidos. Posteriormente, o serviço foi aberto para qualquer pessoa que tenha acesso à Internet se cadastrar.

No início de seu serviço, apenas pessoas filiadas às melhores universidades dos Estados Unidos podiam usá-lo, o que proporcionava ao Facebook um caráter elitista. Devido à necessidade de ter um *e-mail* de alguma instituição cadastrada no *site* para confirmar que a pessoa era de fato quem dizia ser, o serviço, em sua grande maioria, apresentava perfis com nomes reais. Os usuários em geral, tendem a adicionar apenas pessoas que conheçam, e os “amigos” acabam atestando a identidade do dono do perfil. “[...] ele se baseia na verdadeira identidade, tanto em princípio como na prática. Hoje continua sendo tão importante ser o seu verdadeiro eu no Facebook quanto o era quando o *site* foi lançado em Harvard, em fevereiro de 2004” (KIRCKPATRICK, 2010, p.21)

Mesmo após ter sido aberto ao público geral, a grande maioria das pessoas se cadastra com o nome verdadeiro. Este fato, além de dar credibilidade ao Facebook como uma rede social mais séria que o Orkut, por exemplo, dá ao serviço a propriedade de ser facilmente usado para encontrar pessoas. Basta digitar o nome

de alguém no espaço destinado a busca, que se a pessoa tiver um perfil no Facebook, sua página aparecerá nos resultados.

Além de valorizar o verdadeiro nome e não possuir tantos perfis falsos como outros *sites* de relacionamentos, a privacidade é um grande atrativo do Facebook. Desde o seu surgimento muitas alterações foram efetuadas nos controles de privacidade disponíveis aos seus usuários. No livro de Kirkpatrick, é possível ver que a empresa teve que alterar várias funções de acordo com as reclamações e aceitações do público consumidor do serviço. Ainda assim, a opção de que apenas amigos vejam os conteúdos publicados nos perfis pessoais continua sendo um grande atrativo.

O Facebook funciona de maneira semelhante ao Orkut. Cada pessoa que se cadastra possui uma página de perfil *online* com seu nome e sua foto no canto superior esquerdo. Ela pode adicionar informações tais como local de trabalho, naturalidade, status de relacionamento, e preferências de músicas, filmes e livros, como no Orkut.



Figura 11: perfil do Facebook

Fonte: *Site* de relacionamentos Facebook

Bandas, empresas, jornais e revistas, blogs conhecidos e pessoas famosas podem criar páginas no Facebook que os usuários podem “curtir”. Assim que uma

pessoa “curte” uma página, é como se ela tivesse feito uma assinatura da mesma, pois ela começa a receber as atualizações dessa página em seu *feed* de notícias.

O *feed* de notícias é muito parecido com o quadro de atualizações do Orkut. Nele os usuários veem as informações publicadas tanto pelas páginas que “assinaram” como as que são publicadas pelos seus amigos. Ainda é possível “curtir”, comentar e compartilhar as informações presentes no *feed*, e assim demonstrar interesse, opinião ou republicar o que foi publicado pelas outras pessoas dentro da rede. “No Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos.” (KIRKPATRICK, 2011, p. 17).

The image shows a screenshot of the Facebook homepage. On the left, there is a navigation sidebar for user Andressa Marcondes, including sections for 'FAVORITOS' (Feed de notícias, Mensagens, Eventos, Localizar amigos), 'LISTAS' (Melhores amigos, Família, Universidade Tecnol..., Curitiba), 'GRUPOS' (Formandos E.M. Cefet PG 2..., Pessoal da Sarjeta, Criar grupo...), and 'MAIS'. The main content area is titled 'Feed de notícias' and features a status update prompt 'No que você está pensando agora?'. Below this, there are three posts: 1) Arieni Brasileiro sharing a photo of 'Projeto Vamos Ler' with a 'Fotos do mural' section. 2) Fabiano Alves sharing a video of 'Carlos Careca - FELTRO NO FERRO' with a 'Fotos do mural' section. 3) Ana Claudia Lolla sharing a photo of a 'KEEP CALM AND LISTEN TO THE BEATLES' poster with a 'Fotos do mural' section. On the right side, there are sections for 'Próximos eventos' (8 convites de evento, Workshop de Animação com..., Campanha Jhonatan Melo no...), 'Pessoas que aceitam assinaturas' (Camila Vieira), 'Fotos de amigos' (Marcado — Simone, Jessica Souza Maldonado), 'Patrocinado' (Brandsclub), and 'Cutucadas' (Victor Valentim Leal).

Figura 12: página inicial do Facebook

Fonte: *Site* de relacionamentos Facebook

A equipe do serviço foi adicionando novas funções ao longo da história do *site*. Hoje é possível compartilhar muitas modalidades de arquivos no Facebook. Além de compartilhar notícias e opiniões, vídeos e fotos, é possível “escrever no mural” dos outros usuários, trocar mensagens e conversar *online* em um *chat*. Com

o Facebook Conect²¹, é possível publicar atualizações no *feed* de notícias de atividades realizadas em outros *sites*. Assim, cada um pode publicar facilmente no Facebook, o que fez em muitos outros lugares da Internet, e informações que encontrou em outros *sites* pela *web*. Este serviço dá mais credibilidade ao Facebook, pois o *site* acaba parecendo um grande portal que apresenta notícias de diferentes lugares em um só local.

O Facebook é pura informação o tempo todo. A cada mês, cerca de 30 bilhões de postagens são feitas pelos usuários, incluindo *links* da Internet, notícias, fotos etc. Trata-se, de longe, do maior *site* de compartilhamento de fotos da Internet, por exemplo, com mais de 3 bilhões de fotos adicionadas a cada mês. (KIRKPATRICK, 2011, p.20)

Estas estatísticas, sobre as fotos publicadas no *site*, do livro de Kirkpatrick são de 2010. Com o crescente número de adesões ao Facebook, este número está significativamente maior.

As fotos no Facebook podem ser organizadas em álbuns virtuais como no Orkut. Porém, também é possível publicar fotos diretamente no “mural” de cada usuário, compartilhando assim, imediatamente, as fotografias com os outros contatos no *site*.

Toda essa conectividade proporcionada pelo Facebook, pode ser um dos principais motivos para sua larga aceitação pelos internautas do mundo todo. Kirkpatrick (2011, p.300) fala de como Zuckerberg considerava importantíssimo conseguir conquistar o mercado brasileiro e ultrapassar o Orkut em número de cadastros. Em agosto de 2011 isto foi conseguido, pelo que mostram as pesquisas do Ibope. Possivelmente o Facebook irá continuar crescendo em número de usuários no Brasil, mas não é possível ter certeza se ele será o único *site* de relacionamentos a ter um grande público brasileiro.

O que se percebe é uma assiduidade da população brasileira em relação aos *sites* de redes sociais na Internet. As pesquisas do Ibope demonstram que a quantidade de tempo que o internauta passa nesses *sites* aumentou.

Fica evidente também, que os *sites* de relacionamentos são um grande veículo para a publicação e compartilhamento de fotografias digitais entre os seus usuários.

²¹ KIRKPATRICK, 2010, p. 327

4.3 AS REDES SOCIAIS NA INTERNET E A FOTOGRAFIA

Como já citado, os *sites* de redes sociais apresentados anteriormente possuem aplicativos e propriedades para publicação e compartilhamento de imagens. Kirkpatrick(2011 p.169) descreve quando o aplicativo de fotos do Facebook foi lançado no final de outubro de 2005. Antes disso, cada usuário podia carregar apenas uma fotografia por perfil. Era comum os usuários trocarem a foto do perfil, às vezes, até mais de uma vez por dia. Depois que o aplicativo foi lançado, foi verificado que os usuários gastavam mais tempo ainda na rede, olhando as fotos publicadas. Sempre que uma fotografia era publicada por alguém, os amigos dessa pessoa recebiam a notificação da novidade, o que resultava em um número maior de visualizações daquela página. Kirckpatrick descreve como a possibilidade de publicar várias fotografias foi um importante impulso para uma maior utilização do Facebook.

Uma propriedade do *site* de compartilhamento de fotos Flickr, ainda foi incorporada pelo Facebook: a de poder “marcar” pessoas que aparecem nas fotos. As marcações indicam o nome da pessoa e também podem servir de *link* até a página da mesma. Essa propriedade também foi incorporada pelo Orkut e se tornou muito popular. Além das fotos que os usuários publicavam de si mesmos em seus perfis, haviam também as fotos de amigos onde eles haviam sido marcados.

O recurso Fotos tornou-se o *site* de fotografia mais popular da Internet e a característica mais popular do Facebook em pouco tempo. Um mês após seu lançamento, 85% dos usuários do serviço haviam sido marcados em pelo menos uma foto. Todo mundo estava sendo marcado e mostrado, quisesse ou não aparecer (KIRKPATRICK, 2011, p.170)

Nos dois *sites* de relacionamentos foram incorporados comandos para que as pessoas que não quisessem ser marcadas nas fotografias dos outros usuários pudessem cancelar as marcações. Não há como controlar as fotografias que as pessoas postam com a presença de outras nos *sites*, e muitos usuários não gostam das fotos em que são marcados.

Kirkpatrick fala de como as fotografias publicadas no Facebook já causaram até mesmo problemas para quem estava presente nelas. A grande conectividade permite que muitas pessoas tenham acesso à informações que antes seriam

privadas. Fotos constrangedoras ou de pessoas em lugares que não deveriam estar já causaram muitos problemas aos internautas. Houve até uma pesquisa em 2009 que mostrou que empresas americanas deixaram de contratar indivíduos pelo conteúdo que encontraram sobre eles nas redes sociais. “A razão número um de as pessoas não terem sido contratadas: “fotografias ou informações provocantes e inapropriadas”” (KIRKPATRICK, 2011, p.221, grifo do autor).

Como já vimos, tanto no Facebook quanto no Orkut é possível ver um considerável número de imagens no perfil de cada usuário. Além das comunidades e páginas de interesse que em sua maioria são ilustradas, há as fotografias dos álbuns, as com marcações e as publicadas no mural.

Olhando para o design visual das páginas dos *sites*, podemos ver que o *layout* é construído de maneira que a navegação nos mesmos aconteça de maneira bastante fácil e intuitiva. A facilidade de utilização destes *sites*, provavelmente consiste em um dos motivos para a atração e permanência dos usuários nestes serviços. A presença de fotos e imagens torna esta navegação ainda mais intuitiva, olhemos para a presença de fotos como *links*, tanto para as páginas pessoais, como para as comunidades no caso do Orkut, por exemplo. Muitas vezes, não é nem preciso ler para saber para onde se vai ser redirecionado, basta olhar a imagem.

As páginas iniciais dos dois serviços são bastante semelhantes. Os conteúdos são divididos em campos, e os *links* de configurações da conta ocupam apenas os espaços superiores das mesmas. A foto do dono do perfil permanece no canto superior esquerdo, para situa-lo em sua conta e informar a quem estiver visitando a página, a quem ela pertence. O espaço central é destinado a atualizações dos outros usuários. Apenas no canto direito é que as duas páginas diferem mais significativamente, apesar de ambas possuírem um espaço destinado à publicidade neste lado.

Os aplicativos de fotos das duas redes sociais, também têm as mesmas características centrais. Na interface em questão, a equipe do Facebook criou um dispositivo onde após ser dado um clique em uma fotografia, ela aumenta e ocupa boa parte da tela do navegador. Para ir para a próxima foto, basta clicar em qualquer lugar da fotografia, não é necessário procurar nenhum botão ou *link*, o que facilita muito a navegação pelas imagens. Esta função acaba por envolver o usuário na visualização das imagens, pois além destas ficarem maiores, o restante dos

elementos da página ficam atrás de uma tela branca de baixa transparência, evitando assim que a atenção seja desviada para outras informações.

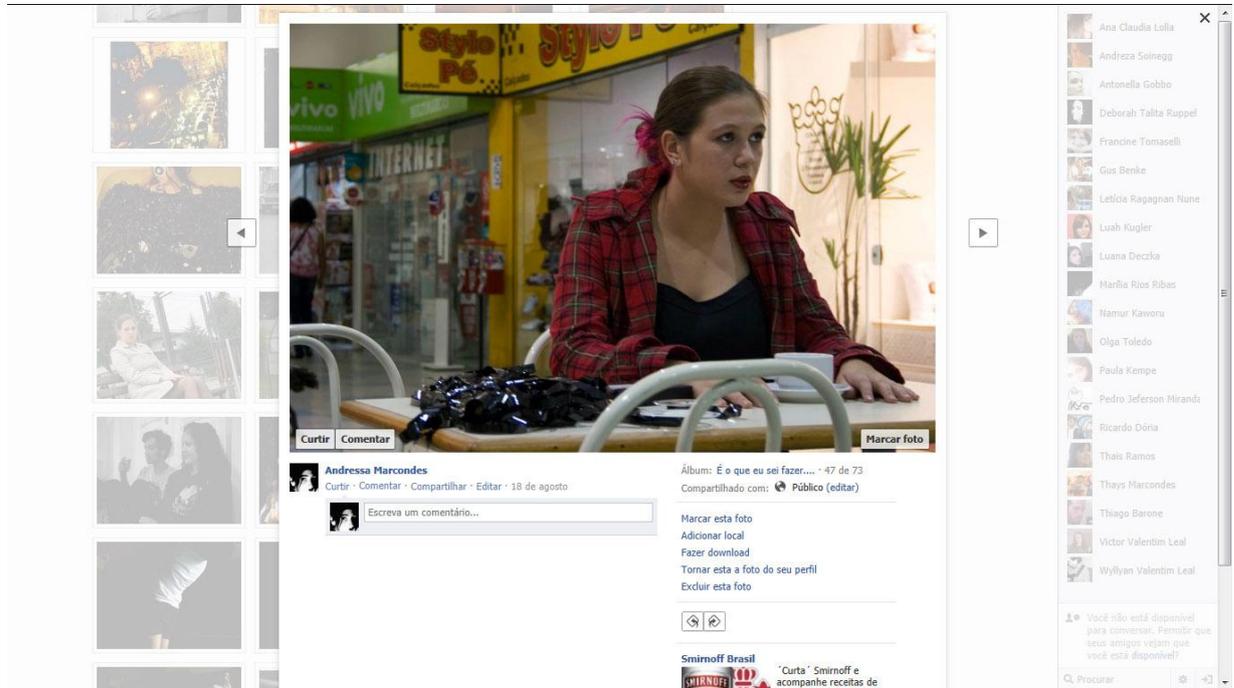


Figura 13: Aplicativo de fotos do Facebook

Fonte: Site de relacionamentos Facebook

No Orkut, a função de clicar em qualquer lugar para mudar de foto não é ativa, mas a ideia principal, de aumentar as imagens visualizadas para o primeiro plano, e deixar todos os outros elementos camuflados, está incorporada, sendo até mais evidente que no Facebook.

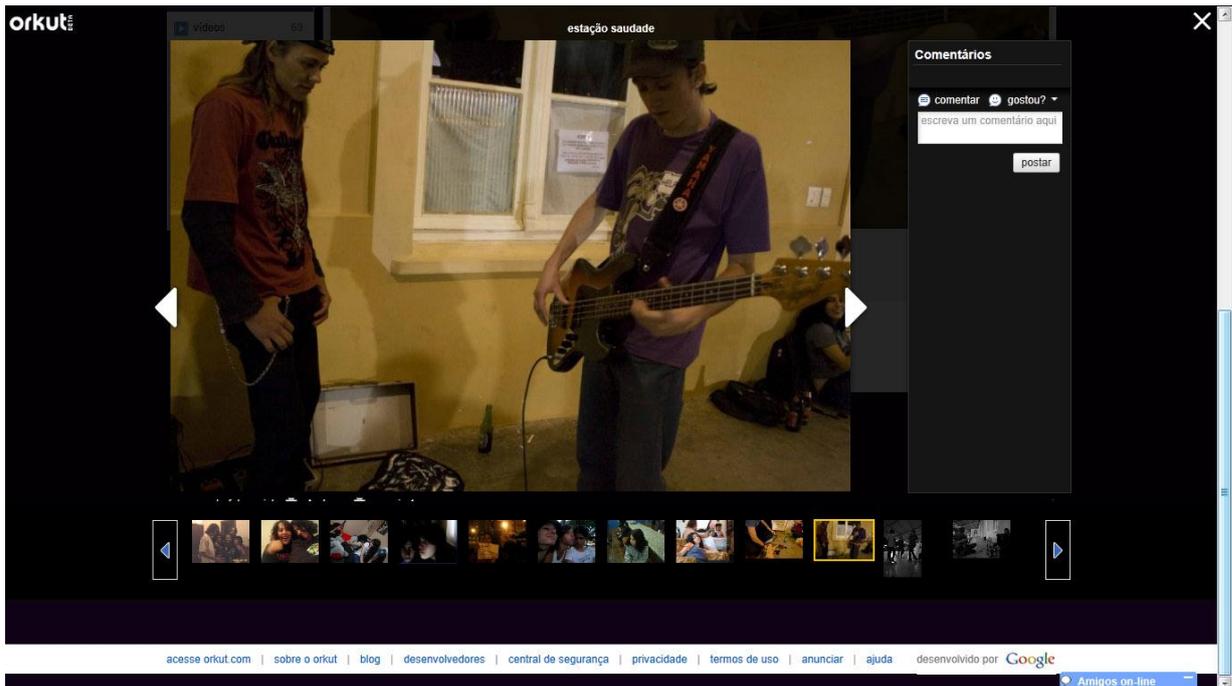


Figura 14: Aplicativo de fotos do Orkut

Fonte: *Site de relacionamentos Orkut*

Todas estas facilidades e simplicidade nos *layouts* dos *sites*, colaboram para um maior tempo de permanência dos usuários nos mesmos. Não há muito o que procurar, há em sua maioria botões para realizar as tarefas mais comuns dentro dos mesmos, também não há informação excessiva nos comandos. Pode-se ver um grande fluxo de conteúdos em seus espaços centrais, porém, envolvidos dentro deste espaço, como pode ser visualizado nas fotos 4 e 6. O aplicativo de fotos, por sua vez, que facilita muito a navegação e envolve o “espectador” nas visualizações.

As publicações que os usuários fazem de fotos, aparecem nos murais e *feeds* de notícias, permitindo que um grande número de pessoas tenha acesso a elas. Então é possível gostar, discutir ou ainda compartilhar e republicar as imagens. O número de fotografias circulando pelas redes torna-se muito grande, a cada dia, e não para de crescer.

Como Kossoy (2007, p.135) fala sobre a fotografia nos tempos da eletrônica “As imagens passaram a ser apreciadas mais rapidamente e, pelo volume e redundância, beiram à saturação.” Com um número muito maior de imagens, muitas vezes sobre o mesmo assunto, não há como evitar esta saturação.

Fica evidente que com isto, que as fotografias são uma parte importantíssima para os *sites* de relacionamentos. Observando os enormes fluxos

que elas promovem, podemos presumir que se constituem num grande atrativo para a utilização dos *sites* de redes sociais. Se a finalidade dos serviços de relacionamentos na Internet é promover a interação e a comunicação entre os internautas, as fotografias, além de desempenharem um papel importante nestas finalidades, as tornam muito mais atraentes.

5 AS CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE NOS *SITES* DE REDES SOCIAIS POR MEIO DAS FOTOGRAFIAS

Como já observamos, as fotografias são um recurso bastante utilizado pelos internautas para construções de perfil nos *sites* que são abordados neste trabalho. É difícil encontrar um perfil nos mesmos que não apresente muitas imagens.

De grande importância, estes perfis *online* criados a partir das preferências de cada pessoa e ilustrados com fotos cuidadosamente selecionadas, são a apresentação do indivíduo aos outros na rede social. Com a possibilidade de manipulação de fotos, é possível perceber a construção de personagens quase idealizados de cada um.

A ausência de referências físicas cria a possibilidade da construção livre de uma máscara social. O cibernauta joga livremente com o ego, criando sua personalidade/identidade da maneira que melhor lhe convém, usando dos próprios artifícios de representação que o *Orkut* lhe permite, como álbum fotográfico e as comunidades de afinidade. Neste espaço virtual, cada um pode mostrar a si mesmo do modo como quer aparecer e ser identificado pelos outros. (ZAMBON, LOPES, 2007, p. 46, grifo do autor)

Mesmo que haja a possibilidade do dono do perfil ser marcado em fotos de outros usuários, é ele quem decide se esta foto irá permanecer com a marcação ou não. Isto acaba constituindo mais uma ferramenta para a escolha das fotos que irão ajudar a construir o perfil de cada um na rede social *online*. Não há como controlar as fotos que as pessoas postam com a presença de outras, como já citado anteriormente, mas é possível pelo menos, que os usuários escolham quais aparecerão em seus perfis.

As fotos publicadas podem ser pessoais, com amigos, de festas, eventos, e também fotos da família. A propriedade de *sites* como *Orkut* e *Facebook* de construir múltiplos álbuns, traz a possibilidade de dividir as fotos por temas ou eventos. O resultado é a construção de perfis com vários álbuns, que são como os álbuns fotográficos antigos, só que compartilhados virtualmente com amigos. Estes mostram e ilustram a vida do dono do perfil.

Podemos ver que os sentidos de registro e recordação da fotografia permanecem ativos, mesmo com todos os avanços e mudanças de plataformas, no

hábito de criar álbuns para eventos, conquistas, festas, etc. Este hábito mostra uma tradição tanto conservada como alterada pelos novos meios.

A mobilidade permitida através da conexão *wi-fi* e de aplicativos para dispositivos como celulares, permite que os internautas mantenham-se conectados a todo instante aos *sites* de relacionamentos. Esta conexão proporciona que constantemente as pessoas compartilhem informações e visualizem as atualizações de seus contatos. O tempo de permanência nos *sites* de redes sociais aumenta significativamente com toda esta mobilidade.

Uma das razões capazes de explicar o estouro das SMSs e das RSIs, especialmente do Twitter, encontra-se na potência da era da mobilidade para a comunicação *on-line*, em tempo real, que acena com a promessa do perpétuo estar junto. Isso parece costurar – ou pelo menos nos dá a ilusão de costurar - o corte e a condição de desamparo que o ser humano carrega desde o instante vital em que dá o primeiro grito no ar para encher os pulmões e entrar ou cair no mundo da vida. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 26)

A mobilidade permite que os internautas carreguem fotografias a todo momento em seus perfis, como que visualizem as fotografias postadas por seus amigos da rede, e assim, comentem, compartilhem, enfim, realizem alguma atividade em reação ao que encontram *online*.

Esta alta conectividade e possibilidade de compartilhamento, parece dar uma importância grande demais ao fato de sempre se saber o que está acontecendo. Não saber o que está se passando na rede pode significar uma certa exclusão dessa grande comunidade, visto que, como Santaella e Lemos (2010, p.94) citam, “Na era dos fluxos, virtual e real são sentidos como se fossem uma só e mesma coisa “. Ou seja, não há mais tanta distinção sobre o que acontece dentro e fora dos *sites* de redes sociais, eles expressam realmente a rede de contatos das pessoas, o que acontece dentro deles tem consequências na vida das pessoas fora deles.

Por exemplo, se alguém ofende uma pessoa dentro das redes de relacionamentos, isto será entendido como sua real posição, o que significa que ela também terá ofendido esta pessoa fora da rede. Podemos pensar da mesma maneira com as fotografias. O que é visto nas redes é levado como a representação da pessoa, ou pelo menos, como uma forma de tentativa disso. Assim todos saberão como a pessoa gostaria de ser vista.

Esta característica *always on*²² dos *sites* de relacionamentos, propicia ao usuário a sensação de que algo novo sempre está acontecendo. Isto parece gerar para os internautas, a necessidade de atualizarem seus perfis, como se quanto mais frequentes forem as atualizações, mais percebida será sua presença na rede.

Em relação as atualizações de fotos, Kirckpatrick (2010, p.222, grifo do autor) nos fala do que podemos perceber em muitas situações hoje em dia. Ele mostra o depoimento de um jovem de 25 anos que trabalha em uma empresa de mídia em Nova York e não tem Facebook:

“Quando saio com meus amigos, há sempre uma câmera presente com o único objetivo de tirar fotos para serem postadas no Facebook. É como se a noite não acontecesse a menos que haja prova disso no Facebbok. As pessoas monitoram obsessivamente sua própria página para ver em que fotos elas foram marcadas ou qual a imagem que melhor as representa para seus amigos”

A partir deste depoimento de Shaun Dolan, podemos ver muitas das questões aqui levantadas. Se pensarmos na propriedade de câmeras fotográficas embutidas em celulares que permitem o registro e a publicação instantânea das fotos, há a possibilidade de contar aos amigos o que está acontecendo no exato momento do ocorrido, a toda hora.

Podemos lembrar das considerações de Sontag (1977) abordadas aqui anteriormente, de como era necessário levar uma câmera nas viagens turísticas para posteriormente mostrar as fotos a amigos e familiares, provando que a viagem realmente aconteceu, mostrando os lugares visitados e que foi divertido. As redes sociais na Internet parecem gerar essa necessidade de mostrar aos outros o que está acontecendo, como está acontecendo, e mais, que está acontecendo.

“O que significa o fato de estarmos cada vez mais vivendo nossa vida em público? Será que estamos virando uma nação – um mundo – de exibicionistas?” (KIRKPATRICK, 2011, p.22) A pergunta de Kirkpatrick se mostra muito pertinente. As propriedades dos *sites* de relacionamentos são propicias a uma grande transparência. Podemos ver isso na possibilidade de compartilhar informações pessoais de forma aberta a todos. O Orkut e o Facebook foram construídos para promover a interação entre os seus usuários, e permitem que eles possam postar as

²² (SANTAELLA; LEMOS, p.61)

notícias que quiserem sobre si, como as fotografias que bem entenderem, salvo algumas restrições²³. A partir disso, os dois *sítes* propiciam uma facilidade incrível para examinar a vida dos outros. É o que acontece dentro dos dois serviços, o que há para ser visto são as informações disponibilizadas pelas outras pessoas.

O que as pessoas faziam no Facebook era olhar as informações de outras. Elas estavam ansiosas para saber o que havia de novo, o que havia mudado, o que havia acontecido que elas ainda não soubessem (KIRKPATRICK, 2011, p.195)

Há diversas opiniões sobre a questão de se estas práticas são positivas ou não. Podemos pensar que de certa forma, a vontade de saber sobre a vida dos outros sempre foi uma atividade presente na vida humana em sociedade. As redes sociais vêm proporcionar isso, porém, de uma maneira mais fácil e com dados pessoais disponibilizados publicamente por vontade própria. Devemos nos perguntar até onde isto é saudável. O fato é que os dois *sítes*, até agora, dão autonomia para os usuários compartilharem apenas o que querem.

O problema seria cada um conseguir dosar de forma positiva a quantidade de informações que devem ser publicadas para todos. Podemos ver no livro de Kirkpatrick (2011) como fotos que jovens postavam nas redes sociais, muitas vezes com poucas roupas e em poses provocantes, eram objeto de grande preocupação por parte dos pais. Às vezes a vontade de parecer mais atraente perante os outros participantes da rede pode trazer resultados não muito bons.

As fotografias representam o indivíduo do mundo real e físico nos meios digitais do ciberespaço. Se as pessoas conversam através de mensagens virtuais, as fotos são o que deveria ligar aquela pessoa ao mundo real. Nestes casos, a função das fotos deveria ser mostrar quem a pessoa é, como ela é, e que ela realmente existe. “Um contato limitado, uma proximidade representativa e frustrante muitas vezes. Dessas pessoas com quem só se tem contato via rede, lembra-se apenas da feição registrada em sua imagem fotográfica” (ZAMBON; LOPES, 2007, p. 46)

Estas fotografias, sempre digitalizadas, podem ter diferentes níveis de manipulação, que podem ir de pequenos ajustes de cor e contraste a correções de imperfeições faciais, por exemplo. Isto depende da vontade do dono do perfil e do

²³ Os dois sites possuem políticas de restrição a fotografias com temas como pornografia e violência, por exemplo.

conhecimento do mesmo nos *softwares* de manipulação. Levando em conta que, em alguns casos, estas fotografias são a única ligação do perfil virtual com a pessoa, estas fotos podem trazer algumas funções que possuíam antigamente? Podem conter um pouco de verdade sobre quem as está utilizando como referência da própria identidade?

Podemos nos perguntar se as fotografias podem carregar de uma nova maneira a noção de registro de alguma coisa real. Se elas podem carregar o significado de documento de determinada pessoa que está se relacionando virtualmente. Se a noção de fotografia como índice pode aparecer de alguma maneira nas fotos dos perfis.

Como dito anteriormente, fotografias são manipuladas desde o ato de sua criação, como agora por softwares de acordo com a vontade de cada um. Cada internauta, cada fotógrafo amador, elabora e escolhe fotografias de acordo com suas vontades e princípios, de acordo com a idéia que quer passar sobre a sua pessoa.

Os atores são conscientes das impressões que desejam criar e dos valores e impressões que podem ser construídos nas redes sociais mediadas pelo computador. Por conta disso, é possível que as informações que escolhem divulgar e publicar sejam diretamente influenciadas pela percepção de valor que poderão gerar. (RECUERO, 2009, p. 118)

Estas fotografias podem guardar um pouco de verdade como de ficção, pois as possibilidades para dissimular hoje são muito grandes. Porém como já discutido, a manipulação sempre existiu. O que acontece, é que atualmente está mais fácil e difundida, cada pessoa pode manipular-se de acordo com um desejo de aceitação social perante os outros.

O que a vida recusa é consumido por meio do espetáculo. Este mecanismo de evasão e compensação sempre esteve atrelado ao sentimento humano pela construção da identidade baseada na imagem idealizada. (ZAMBON; LOPES, 2007, p. 50)

Se pensarmos nos primeiros retratos²⁴ que eram cuidadosamente montados e retocados pelos fotógrafos, onde pessoas importantes deveriam deixar uma imagem nobre e séria, lembrando também da *carte-de-visite* de Disdéri, onde as fotos eram cuidadosamente montadas com pessoas quase fantasiadas que assim

²⁴ KOSSOY, 2001, p. 108

tenham retratos construídos de acordo com suas vontades e posições sociais, podemos ver que a representação de identidades e de realidades através da fotografia não é simplesmente uma coisa atual. Construir identidades através de fotografias é uma atividade que os homens realizam desde o início da popularização da técnica. É claro que houve todas as mudanças comentadas aqui até chegar nos dias atuais, porém a vontade de criar personagens, criar uma imagem, transmitir uma identidade criada, pode ser observada já há muito tempo.

Lembremos então, da ideia de fotografia como construção da realidade, como representação criada, como foi exemplificado anteriormente aqui nas palavras de Kossoy (2007) e de Machado (1993). A fotografia como construção, talvez seja uma das melhores maneiras de tentarmos entender o modo como os internautas utilizam as fotos em seus perfis virtuais, fotografias como construção de identidades, construção de realidades. Identidades estas, que os internautas querem que sejam transmitidas à sociedade como realidade, através de fotos em um dos meios de comunicação mais utilizados atualmente, os *sites* de redes sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que a fotografia sempre exerceu fascínio nos seres humanos. Desde a sua criação e difusão nos antigos retratos, passando pela grande popularização das câmeras compactas, até a atualidade, com a fotografia digital que permite ainda mais fotos e facilita muito a manipulação, inserindo-a até mesmo em um nível caseiro, a fotografia sempre esteve acompanhando o homem para registrar seus momentos.

Estes avanços, além de aumentarem consideravelmente o número de imagens a serem veiculadas na sociedade, tanto no âmbito publicitário como no pessoal, acarretaram inúmeras mudanças no ato de fotografar. Estas questões foram amplamente discutidas aqui, e podemos presumir que a fotografia vem apresentando, cada vez mais, novas possibilidades que devem ser aproveitadas. Manipulada ou não, ela continua carregada de significados, representações e sentimentos para as pessoas.

Estamos presenciando mudanças e avanços cada vez mais rápidos nos meios de comunicação. É inevitável uma migração das relações sociais para os meios digitais. Há uma grande mudança nas maneiras de se comunicar, como na configuração das distâncias, pois já é possível se comunicar com pessoas em lugares distantes de maneira instantânea e a baixo custo através da Internet. É notável que o império das imagens continua intenso e avançando com a sociedade, e as fotografias continuam exercendo seus papéis, que podem ser conservados, mas também modificados, recriados e até mesmo alterados.

Os *sites* de redes sociais foram um terreno fértil para observar estas mudanças e alterações de formato, significados e conceitos em torno da fotografia. As informações encontradas nos livros e artigos sobre este tema foram de grande importância, visto que expressavam idéias que acabavam sendo constatadas na observação participante que foi realizada nas redes sociais *online*. Com esta observação participante, foi possível assimilar e perceber fatos que não seriam tão bem entendidos apenas com pesquisa bibliográfica.

Pode-se pensar ainda, que pesquisas utilizando autores da área de psicologia seriam de grande valia para aprofundar ainda mais este tema, analisando quais os impactos sociais que a intensa utilização destas redes podem acarretar,

porém com o prazo aqui disposto, não foi possível realizar algo neste âmbito. O presente trabalho levanta questões que seriam interessantes para desenvolver pesquisas posteriores, com metodologia diferenciada, como entrevistas com usuários, já que o tema “fotografias nos *sites* de redes sociais” parece ter muito mais a ser estudado, pois o comportamento dos usuários nas mesmas está em constante mudança. Os *sites* evoluem e se alteram de acordo com os internautas, de acordo com a experiência e o *feedback* que eles apresentam.

Seriam também uma possibilidade, pesquisas onde houvesse uma maior distância em relação aos usuários, sem se estar participando dos serviços, também usando entrevistas e estatísticas. Talvez assim, fosse possível obter impressões diferenciadas, encontrar números da rede como um todo, e também da ocorrência de comportamentos que diferem da maioria.

Como um exemplo da constante mudança dos *sites* de relacionamentos, podemos ver o fato do Facebook ter alterado seu *layout* novamente neste final de semana, dos dias 24 e 25 de setembro de 2011, além de modificar e adicionar funções. As mudanças alteram consideravelmente o *layout* antigo, permitindo um compartilhamento muito maior de informações pessoais na página inicial e no perfil de cada um, o que resulta em uma maior abertura da vida pessoal dos usuários, como pode ser visto em matéria de Baldrati (2011) no jornal Gazeta do Povo. Estas modificações provavelmente vão encontrar entusiastas e também várias pessoas que não as aprovarão, como já aconteceu com outras mudanças no *site*.

Por fim, neste trabalho foi possível ponderar sobre como os internautas utilizam, de certa maneira, fotografias para construir sua identidade em um ambiente virtual. A ausência de conexão física parece permitir que personagens quase idealizados sejam criados, porém, esta não é uma prática realizada por todos os usuários dos *sites*. Ainda é possível encontrar nos mesmos, antigos costumes ligados a fotografia, como o simples hábito de criar álbuns fotográficos para mostrar eventos e conquistas aos amigos, talvez a maior das ligações com os antigos costumes. É notável que mesmo pessoas que constroem perfis falsos²⁵ utilizam as mesmas ferramentas, como a de fotografias, para a criação da página pessoal *online*.

²⁵ Perfis utilizando o nome de outras pessoas ou entidades sem a devida permissão

Seria possível pensar que talvez os internautas disponibilizem cada vez mais informações pessoais, como fotos, e vivam sua vida cada vez mais publicamente. Isto pode ser considerado como uma tendência, observando que as mudanças nos serviços de relacionamentos *online* quase sempre acabam permitindo mais compartilhamento e criando ferramentas que incitem as pessoas a se conectarem com um número cada vez maior de usuários dentro dos mesmos. Seria de extrema importância, porém, que estes *sites* continuassem mantendo os controles de privacidade, para que quem eventualmente não quer compartilhar tanto de si, possa continuar participando das redes.

As conseqüências de tanta transparência podem ser boas ou más, como já discutido aqui. Podemos pensar na idéia de “um mundo de exibicionistas” que ficaram viciados em compartilhar fotografias de si mesmos, muitas vezes manipuladas, apenas para mostrar sua arquitetada perfeição e enaltecer seu ego frente aos outros internautas da rede. Talvez não seja mais possível acreditar que as pessoas realmente são como mostram suas fotografias. Porém, esta ideia já foi ultrapassada há muito, e isto libertaria ainda mais as fotos da ideia de sua suposta reprodução da realidade, o que seria muito coerente nos dias atuais. Devemos ainda lembrar que há internautas nas redes que não dão tanta importância para suas imagens.

O fato é que há inúmeras novas possibilidades e maneiras de utilizar a fotografia, as barreiras que foram quebradas não podem ser simplesmente encaradas de maneira negativa, pois há muito potencial que pode ser explorado nas novas tecnologias gráficas.

Não seria fácil esquecer a idéia da fotografia como construção. O que vemos nas redes sociais, são pessoas construindo perfis, construindo identidades através de fotografias e imagens. Sendo estas fotografias manipuladas ou não, podem ser vistas como representação. Elas representam o dono do perfil, talvez não de forma totalmente fiel, mas são as representações de algo ou alguém. Ela aparece nestas novas plataformas, como nos *sites* de redes sociais, lembrando momentos, mostrando, ilustrando, e representando os diferentes papéis que cada indivíduo deseja apresentar aos outros.

REFERÊNCIAS

Associação dos Designers Gráficos. **ABC da ADG**. Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico. São Paulo: ADG, 1998-2000.

BALDRATI, B. Rede social Facebook quer que você compartilhe, mas e você? **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 set. 2011. Tecnologia. p.1

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984;

BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992;

CARDOSO, I. Perdendo liderança, Orkut foi porta de entrada à web no Brasil. **Portal de Internet Terra**. Sessão Tecnologia. 10 de set. 2011. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5339869-EI12884,00-Perdendo+lideranca+Orkut+foi+porta+de+entrada+a+web+no+Brasil.html>> Acesso em: 21 set. 2011;

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Reterritorializações no orkut: um olhar netnográfico sobre os “Brasileiros no Exterior”. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 5, n.6, jan./jun. 2009, p.189-212. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2947/2497>>. Acesso em: 7 jun. 2011;

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000;

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. São Paulo: Papyrus, 1993;

FRAGOSO, Suely. Eu odeio quem odeia... Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na ‘tomada’ do Orkut. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/89/89>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

GRANT, Cássio Augusto Barros. **A evolução da Internet no Brasil e a dificuldade de sua regulamentação**: Sobre o surgimento da Internet no Brasil e a dificuldade de sua regulamentação, tanto a nível nacional quanto a nível internacional. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1351/A-evolucao-da-Internet-no-Brasil-e-a-dificuldade-de-sua-regulamentacao>>. Acesso em 22 set. 2011.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design Gráfico: do invisível ao ilegível**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

HOPPE, Altair. **Fotografia digital sem mistérios: os segredos para fazer grandes fotos**. Balneário Camboriú: Photos, 2008;

IBOPE. **Total de pessoas com acesso à internet atinge 77,8 milhões**: Maior crescimento ocorre em residências; 87% dos internautas usam sites sociais. Seção: Notícias, Internet, IBOPE Nielsen Online. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortallIBOPE&pub=T&db=cald&comp=IBOPE+Nielsen+Online&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>> Acesso em: 13 set. 2011.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KODAK. **História da Fotografia**. Fotografia para todos. Disponível em: <http://www.kodak.com/BR/pt/consumer/fotografia_digital_classica/para_uma_boa_foto/historia_fotografia/historia_da_fotografia13.shtml?primeiro=1> Acesso em: 5 out. 2011;

_____. **Consolidando a base**. Primeiros anos. Disponível em: <http://www.kodak.pt/ek/PT/pt/Our_Company/History_of_Kodak/Consolidando_a_Base.htm> Acesso em: 5 out. 2011;

KOSSOY, Borris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999;

_____. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001;

_____. **Os Tempos da Fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007;

MACHADO, Arlindo. Fotografia em Mutação. **Nicolau**, Curitiba, n. 49, p. 14-15, 1993. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads-uteis-fotografia-em-mutacao.pdf>> Acesso em: 21 set. 2011

_____. **A fotografia sob o impacto da eletrônica**. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, p.309-317.

MARCONDES, Christian Alfim. **Programando em HTML 4.0**. São Paulo: Érica, 1998;

RELACIONAMENTOS, História dos sites de. **Site Relacionamento**. Disponível em: <<http://www.sitesrelacionamento.com/Blog/Historia-dos-sites-de-relacionamento-2/>>. Acesso em 22 set. 2011.

REQUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura;

_____. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na Internet. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, abr. 2009. Sessão Redes e Sujeitos. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/5309/3879>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Comunicação;

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004;

ZAMBOM, Michele; LOPES, Dirce Vasconcelos. A fotografia como modo de representação da identidade: Dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 3, 2007, p. 29-54.

SITES:

Alexa <<http://www.alexa.com/>>. Acesso em 25 nov. 2010

Blog A kiwi retrospective <<http://akiwiretrospective.blogspot.com/2010/12/shooting-film-then-and-now.html>>. Acesso em: 5 out. 2011;

Blog Bethccruz <<http://bethccruz.blogspot.com/2010/09/evolucao-das-cameras-fotograficas.html>> Acesso em: 5 out. 2011

Blog Fotografe uma idéia

<http://fotografeumaideia.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=111&Itemid=138>. Acesso em: 5 out. 2011

BLOG DE NICHOLAS JENKINS, Department of English, Stanford University. **At the corner.** Disponível em:

<http://www.stanford.edu/~njenkins/archives/2007/08/at_the_corner.html>. Acesso em: 4 out. 2011

CAMERAPEDIA. <<http://camerapedia.wikia.com/wiki/Camerapedia>> Acesso em: 5 out. 2011

Facebook <www.facebook.com>. Último acesso em: 7 out. 2011

Flickr de Photo_History. Disponível em: <

<http://www.flickr.com/photos/20939975@N04/2585761428/>>. Acesso em: 7 out. 2011;

Inside Facebook <<http://www.insidefacebook.com/>>. Acesso em 28 jun. 2011

Orkut <www.orkut.com>. Último acesso em: 7 out. 2011

The GEH Brownie Collection. Disponível em:

<<http://www.geh.org/fm/brownie/htmlsrc/index.html>> Acesso em: 5 out. 2011;

Site de notícias G1 <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/06/internautas-brasileiros-sao-os-que-mais-acessam-redes-sociais.html>> Acesso em 25 nov. 2010

Site de notícias Portal O Dia

<<http://www.portalodia.com/noticias/tecnologia/facebook-perde-usuarios-nos-eua-e-em-mais-quatro-paises-111935.html>>. Acesso em 29 jun. 2011